



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

A NEGRITUDE COMO ENREDO NO CARNAVAL CARIOCA

GUILHERME DE MATTOS GONÇALVES LIMA DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

A NEGRITUDE COMO ENREDO NO CARNAVAL CARIOCA

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

Nome: Guilherme de Mattos Gonçalves Lima de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Guilherme de Mattos Gonçalves Lima

A474f A negritude como enredo no Carnaval Carioca.
-- Rio de Janeiro, 2022.
78 f.

Orientador: Eduardo Granja Coutinho
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2022.

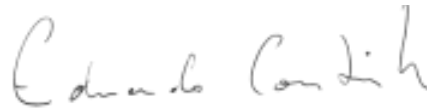
1. Carnaval. 2. negritude. 3. samba. 4.
escolas de samba. 5. africanidade. I. Coutinho,
Eduardo Granja, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO


TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **A negritude como enredo no Carnaval Carioca**, elaborado por **Guilherme de Mattos Gonçalves Lima de Oliveira**.


Aprovado por



Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho (orientador)

Documento assinado digitalmente
 PAMELA GUIMARAES DA SILVA
Data: 12/01/2023 14:29:53-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Pâmela Guimarães Silva

Documento assinado digitalmente
 MICAEL MAIOLINO HERSCHMANN
Data: 14/01/2023 22:02:42-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

Grau: 9,0

Rio de Janeiro, no dia 09/01/2023

Rio de Janeiro
2022

*Mas o samba faz
Essa dor dentro do peito ir embora
Feito um arrastão de alegria e emoção,
o pranto rola
Meu canto é resistência
No ecoar de um tambor
Vem ver brilhar
Mais um menino que você abandonou
(BEIJA-FLOR, 2018)*

OLIVEIRA Guilherme de Mattos Gonçalves Lima. **A negritude como enredo no Carnaval Carioca**. Orientador: Eduardo Granja Coutinho. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem a proposta de analisar a história dos enredos afro, no Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Para tal, será discutida a origem de resistência da festa. Dessa forma, as agremiações serão apresentadas como quilombos modernos. Ainda, será apresentada a problematização do apagamento das vertentes pretas no espetáculo. E como isso, foi influenciado por ideais da Indústria cultural. Contudo, será apresentado como os enredos afros finalmente passaram a ser prestigiados pelas escolas e, conseqüentemente, seu histórico vencedor. E, por fim, o desfile de 2022, como a edição que resgatou a temática e a elevou ao seu grau máximo de participação, em um só ano. A partir desses pontos, poder-se-á compreender quais as verdadeiras motivações para que haja um número tão reduzido de enredos afros em uma festa de matriz africana

Palavras-chave: 1. Carnaval. 2. negritude. 3. samba. 4. escolas de samba. 5. africanidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 “KIZOMBA, FESTA DA RAÇA”: A NEGRITUDE COMO RAIZ DO CARNAVAL

2.1 A Origem das Escolas de Samba

2.2 As Escolas de samba e o quilombo

3 ‘E O SAMBA SAMBOU’: O ENREDO SE TORNA PRODUTO

3.1 O samba como ferramenta nacionalista

3.2 O samba como ferramenta capitalista

4. “O NAVIO NEGREIRO”: OS ENREDOS AFROS APLICADOS

4.1 Os enredos

4.2 O histórico dos enredos afros

5. “EMPRETECER O PENSAMENTO”: O RESGATE DO NEGRO COMO FIGURA CENTRAL DO CARNAVAL

5.1 Os enredos afros no Carnaval

5.2 Os desfiles afros no Carnaval 2022

6 CONCLUSÃO

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 INTRODUÇÃO

O Carnaval no Brasil tem seu início nos tempos coloniais, quando o primeiro entrudo foi estabelecido na brincadeira festeira. Já nessa época, a prática era vista com olhos preconceituosos pela sociedade e seus praticantes, comumente eram membros marginalizados. Consecutivamente, com a abolição da escravidão estabelecida, as pessoas pretas começaram a desenvolver, com um pouco mais de liberdade, a sua cultura carnavalesca. Instrumentos percussivos foram adicionados, em ritmos próximos aos pontos das religiões de matriz africana, na festa. Assim, um desfile surgiu.

A partir de então, as escolas de samba passaram a se desenvolver, muitas revoluções aconteceram. Escolas surgiram, desfiles históricos despontaram nos diversos palcos, que sediaram o “maior espetáculo da terra”. Até que hoje, o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro seja disputado na Avenida Marquês de Sapucaí, com doze escolas se apresentando, em duas noites.

Assim, cada desfile conta uma história. Essa, é chamada de enredo. O enredo é uma criação, de fundo artístico, cujo objetivo é transmitir a mensagem da obra. Essa é, de forma prática, desenvolvida pelos diversos elementos de uma escola de samba, em cada edição. A comissão de frente, alegorias, fantasias e adereços, que esteticamente apresenta, de forma setorizada, os atos do tal conto. Ainda, o samba-enredo é como se fosse o eu lírico, narrando aquilo que está sendo visto na avenida, sob o ritmo da bateria. Um enredo, então, pode contar sobre as mais diferentes histórias. Sobre uma pessoa. Um lugar. Uma cultura. Uma lenda. É literalmente infinito o universo de possibilidades.

Se a história do carnaval fosse contada em um desfile, esse provavelmente seria repleto de negritude e pessoas pretas, que trabalharam e, assim ainda fazem, para permitir que os alicerces desse manifesto cultural, o samba aconteça. Contudo, na hora das escolas contarem a história dessas pessoas pretas, seja sua ancestralidade africana, seus feitos, o desenvolvimento da sua cultura, a vida de algumas personalidades, por exemplo, elas por muito tempo foram omitidas. Por questões mercadológicas ou governamentais, a verdadeira raiz do carnaval foi cortada. Ou melhor, tentaram cortar. Pois o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial de 2022 surgiu revolucionando e colocando a negritude como enredo. E assim, como personagem principal da festa que criou.

Dessa maneira, é mister que se entenda por quais motivos a negritude deixou de ser tema dos desfiles, já que a festa é comandada por pessoas pretas. E, dessa forma, não há alinhamento histórico ou coerência. Tudo isso, para que, diante dos erros e problemas, vindo

de opressores do passado, o samba consiga se manter de pé, para que não os repita. E, continue, com o trabalho de resgate de suas origens, estabelecido eloquentemente no ano de 2022.

Esse tema foi escolhido pelo amor pessoal, para com o espetáculo do carnaval e por tudo que este representa para a sociedade, que nos permeia. Mas tal motivação, individualizada, é importante para que em uma sociedade, erguida sob alicerces escravocratas, a resistência consiga se sobressair às forças contrárias. Visto que, desde que as pessoas pretas foram arrancadas de suas terras e trazidas para o Brasil, para serem escravizadas, não só foram privadas de sua liberdade. Mas também e, evidentemente, por isso, foram vítimas de agressões. Que não se delimitaram as físicas. O apagamento de suas raízes culturais e a tentativa de rompimento da conexão para com a ancestralidade africana é motivo de muita dor. Por isso, a sociedade não pode ser enganada por uma ideologia repleta de eufemismos, em busca de uma falsa democracia entre as raças. O povo preto foi forçado a contar histórias brancas, na sua própria festa. E a comunidade, acadêmica ou não, precisa nesse momento se silenciar para que ele conte sua história a partir do carnaval.

O texto será feito a partir de uma pesquisa bibliográfica, constante e contínua, de textos de diversos autores, com foco em questões culturais. Dar-se-á prioridade à leitura de autores pretos e autoras pretas, a fim de, em primeiro lugar, alinhar-se no que tange à coerência. Mas também para ter uma aplicabilidade preta, das veias temáticas, que a sociedade normativa aplica sob os tradicionais moldes embranquecidos. Ainda, de autoria própria, serão expostas entrevistas com personalidades pretas do carnaval (Selminha Sorriso, Patrick Carvalho e Millena Wainer). Além disso, será estabelecido um banco de dados, para consulta do histórico de desfiles. Dessa forma, apresentar-se-ão tabelas, para que se sintetize a história e, assim, a partir de números, chegue-se a legitimidade do enfoque. Por fim, alguns desfiles, assistidos na íntegra, colocar-se-ão sob análise, os de 2022 na Sapucaí, e os outros por vídeo.

Após esse momento introdutório, o segundo capítulo apresentará a origem do desfile das escolas de samba e, naturalmente, como ela foi desenvolvida pelo povo preto. Assim, o capítulo visará apresentar como a formação do evento passou por momentos repressivos, pois seus criadores sempre estiveram às margens de uma cidadania plena. Dessa forma, as escolas, como fenômeno social, serão descritas como um quilombo moderno, onde essas pessoas pretas, procuram o refúgio para manifestar a sua liberdade cultural. O capítulo terá a intenção de mostrar a história dos desfiles, como um enredo afro, concretizado por mãos pretas.

No terceiro capítulo, será apresentada a fase de apagamento das memórias da negritude, nas escolhas dos enredos. Dessa forma, são indicados os dois pilares para esse afastamento. Em primeira análise, a fase nacionalista do carnaval é desenvolvida, com a influência, ora de Vargas, ora da Ditadura militar, sob as escolas. Outrossim, o mercado também limita a liberdade poética na seleção dos temas. Com isso, objetiva-se evidenciar que em uma república, fundada em moldes escravistas, não teria sentido, que o estado promovesse o preto. E muito menos um mercado capitalista e nada representativo, assim faria. Por isso, os enredos afro não foram desenvolvidos.

No capítulo quarto, o conceito de enredo será desenvolvido mais a fundo, para que a partir disso, o afro seja apresentado. Desde sua origem, o primeiro desfile. Até os valores que esse representa. Além disso, tabelas, de autoria própria, serão estabelecidas para evidenciar o abandono das temáticas afro e, ainda, o seu desempenho médio nos desfiles.

No quinto capítulo, o resgate será feito. O desfile de 2022 irá ser destrinchado, como um objeto que comprova a importância do legado, que os enredos afro podem proporcionar para as comunidades. Além disso, os resultados são colocados a prova, para se verificar o verdadeiro potencial prático dos enredos afro e, assim, reafirma-se o seu valor

Em suma, a história das escolas de samba é a história da negritude. Essas se confundem. Porém, em alguns momentos da história, o povo oprimido, deixou-se vencer seus princípios culturais. Mas, mesmo contra forças ocultas, a negritude conseguiu se mostrar um bom enredo. Tentar-se-á delimitar, nesse texto, cada um dos passos na passarela do samba. Para que, assim, entendamos qual o motivo para tão poucos enredos afros na história.

2 KIZOMBA, FESTA DA RAÇA: A NEGRITUDE COMO RAIZ DO CARNAVAL

Zumbi valeu
Hoje a Vila é Kizomba
É batuque, canto e dança
Jogo e Maracatu (VILA ISABEL, 1988)¹

O samba da Unidos da Vila Isabel, do desfile campeão do Carnaval de 1988, exprime bem, nos versos apontados, não só o que é a história das escolas de samba, na veia sentimental, mas também observa os pilares de uma cultura negra, que de forma indubitável alicerçou a construção do maior espetáculo da terra. A gratidão à luta, representada por Zumbi dos Palmares, líder quilombola. De conformidade com a vida social das agremiações, que postam, desde sempre, como verdadeiros quilombos modernos. Um refúgio para que a comunidade preta pudesse realizar seus movimentos e manifestos culturais. “Kizomba”, que vem da língua *kimbundu* e, significa “festa”. Desse jeito é o carnaval. Uma festa da raça. Uma celebração do quilombo. De batuques, cantos e danças. E, ainda, a letra expõe que o samba, das escolas, é um resultado de tantas manifestações culturais diferentes, de um povo negro. E no fim das contas, é desse mesmo povo que se estabeleceram as raízes, para a festa como ela é hoje.

Decerto, muitas revoluções ocorreram durante a formação dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, desde sua origem. Para que a primeira escola fosse fundada, muitas movimentações precisaram acontecer. Determinadas pessoas, tiveram que agir, em estado de clandestinidade, para que as primeiras concentrações se organizassem. A festa não possuiu, logo de começo, o apoio, hoje estabelecido, de camadas mais ricas da sociedade, ou mesmo de instituições comunicativas. Mas, dessa maneira, o primeiro samba nasceu. A primeira escola. E o primeiro desfile. Talvez essa seja a vocação, de fato, da escola de samba. A marginalidade. E isso entrega ao evento uma configuração ainda mais especial. O proclamado e defendido maior espetáculo da terra é elaborado por pobres e negros, em sua maioria. Os morros são os ninhos, quase sempre, dessas estrelas maiores do festival. Contudo, a história vai nos mostrar que algumas mudanças de rotas aconteceram. E, de fato, umas para o bem. Um momento tão cercado de beleza será povoado de artistas, de renome e quilate acadêmico. Outros para o mal, as baterias, tão identificadas com as comunidades. Compostas pelos

¹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/287389/>. Acesso em: 28/12/2022.

ritmistas, que se tornam a orquestra da favela. Precisam de alguém de lá. A rainha de um lugar, acima de tudo, precisa vir de lá. Mas nem todas as escolas adotam tal postura. Em suma, dessas configurações e reconfigurações o desfile se fez e novas revoluções são esperadas a cada ano. Mas, é claro, a expectativa é que o protagonista, esse não mude, que seja o povo.

2.1 A Origem das Escolas de Samba

Quando no fim do século XIX os primeiros ranchos surgiram no Rio de Janeiro, começava-se a se tornar palpável aquilo que hoje conhecemos por Escola de Samba. Ainda, no processo estrutural dos desfiles, tínhamos a presença dos Cucumbis. Trata-se de negros, que durante o período do Carnaval, organizavam-se em uma exibição em ritmo de procissão, mas em tom de folião. Desse modo, dançavam sob a marcação de instrumentos de percussão e fantasiados. Negros, vestidos ou como indígenas, ou como nobres. Acompanhados por animais, que poderiam tanto estar vivos quanto empalhados. Dessa forma, o Jornal do Commercio de 14 de fevereiro de 1888, descreveu alguns dos elementos que hoje rapidamente associamos ao espetáculo carnavalesco:

Na frente vinham alguns sócios, fantasiados de índios, os quais faziam manobras selvagens, deitando-se às vezes no chão para ouvir o que ia ao longe. No centro do grupo estava a rainha, coberta por um grande manto, cujas pontas eram seguras por dois Cucumbis. Paravam em frente aos jornais, cantavam e dançavam à moda africana.(JORNAL DO COMMERCIO apud FERREIRA, 2005, p.133)

Desse modo, podemos constatar o surgimento de mais que um gênero musical, ou um evento, porém um fenômeno que ditaria as andanças sociais, não só até a quarta-feira de cinzas, mas durante todo ano, das comunidades para fora e, com um balanço, esse um pouco mais atual, das elites para dentro. Todavia, esse reconhecimento seria colocado para depois. Se o preconceito já é alarmante atualmente, imagina no momento pós-abolição. Não era hora de “se dar o luxo” de ter sua arte, sua cultura exaltada ou ao menos chamar atenção de terceiros. O objetivo primário era o direito de existir. E, nessas horas, um direito “eleitoreiro”, de poder sambar na macumba, foi o que permitiu ao povo sonhar. Os cultos religiosos eram permitidos e, quando esses acabavam, os sambistas emendaram aos pontos, os sambas. O que nos coloca de frente com as associações das escolas, de hoje, para com seus orixás, seus padroeiros. Dito isso, era torcer para nenhuma denúncia acontecesse e que

nenhum policial percebesse “o jeitinho carioca”. Assim, conforme as evoluções foram ocorrendo, tudo isso em alinhamento com a formação urbana da capital fluminense, no Centro estaria o epicentro do samba carioca, de fato. Com todas as influências dos negros, que no Rio de Janeiro já estavam, dos que vieram da Zona da Mata mineira, após a queda do ciclo do café, e até os do nordeste, principalmente, pós-Canudos. Rua Visconde de Itaúna, a casa da Tia Ciata, bem perto da Praça XI. Lá a elite intelectual e musical negra se reunia. De lá, o primeiro samba, oficialmente falando, foi produzido. “Pelo telefone”.

Mas o conceito, escola de samba, esse vem do Estácio de Sá, o bairro. A Deixa Falar. 12 de agosto de 1928. Um bloco que teve as raízes de sua fundação estabelecidas pelos tais sambistas, que criaram e desenvolveram esse novo estilo de se sambar e por conta disso eram os professores. Logo, o rancho se tornou escola. E, é claro, além de questões mais técnicas ao samba, como, por exemplo, a invenção do instrumento “surdo”, um grande legado, que pode-se referenciar como divisor de águas da história do samba carioca, é a questão do relacionamento para com uma polícia, que outrora era o grande entrave. Não chegou a se estabelecer uma relação de amizade e admiração de um para com o outro, mas a tal liberdade, antes citada, como sonho e objetivo primordial, foi uma realidade. Com as dificuldades que os negros tinham para qualquer coisa, mas sem nenhum tratamento “especial”, para o crime de sambar, ou fazer samba, ou ao mesmo o simples fato de carregar um violão pelas ruas. Assim, com direção a Praça XI, o desfile proveniente do Largo do Estácio, vinha sob o cantar de Francisco Alves e o casal de mestre-sala e porta-bandeira: Nanal do Estácio e Ceci. E, com certeza, as cores estampadas até hoje no pavilhão da Estácio de Sá: Vermelha e branca. Do mesmo modo que a pioneira, outras escolas nasceram. Quase sempre com mudanças de nome nesse início. No subúrbio de Oswaldo Cruz, “Vai como pode” se tornou Portela, sob a batuta de Paulo, o Paulo da Portela. O novo batismo tem relação com a estrada onde essa surgiu. Em um certo morro, alguns arruaceiros eram proibidos de frequentar os blocos de família e, assim, um desses, Cartola, fundou o Bloco dos Arengueiros, que mais tarde, em verde e rosa, receberia o título de Estação Primeira de Mangueira. Na Tijuca, a Unidos da Tijuca. Pela região da Gamboa, a Vizinha faladeira, tratada como a mãe do luxo no carnaval e como diria o histórico carnavalesco Joãozinho 30: “Quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta de luxo”².

Todavia, os desfiles nem sempre foram organizados no padrão que vemos hoje. Todo um processo foi percorrido e gradativamente o maior espetáculo da terra foi se constituindo e

² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1199208/>. Acesso em: 09/11/2022

ganhando moldes. Até 1935, quando visualizamos mudanças efetivas, as determinações básicas, ou obrigatoriedades (termo utilizado hoje, com aquilo que toda escola deve desenvolver na passarela) eram passar pelo palco principal, evidentemente, a Praça XI, e reverenciar as casa das tias baianas, que ficavam nos arredores. Baianas essas, homenageadas com sua própria ala, em cada escola que desfila. Em 1933 o evento começou a receber o apoio e incentivo financeiro do Grupo Globo, maior rede midiática, já naquela época, e dois anos depois, sob a oficialização de Pedro Ernesto, prefeito da cidade, ganhou um ar mais competitivo e regrado, com a presença de juízes. E, como toda competição, temos público e mais que isso torcida. Era o momento de ver seu morro brilhar. Sua comunidade. E, em 1952, a Avenida Presidente Vargas passa a ter arquibancadas, para ver as exibições, que tinham obrigatoriamente que seguir temáticas, que contassem sobre histórias do Brasil ou personalidades. Como fez, por exemplo, a Prazer da Serrinha, de Vaz Lobo, que se tornou Império Serrano. Em 1948, quebrou uma hegemonia estabelecida pela Mangueira e principalmente por Portela, com um desfile homenageando Castro Alves. (CABRAL. 2011)

Com o tempo foram surgindo algumas figuras, até hoje estabelecidas no carnaval. O povo que se torna estrela. Mestre-salas e portas-bandeiras. Cabrochas, as passistas. Mas tecnicamente o surgimento da Acadêmicos do Salgueiro apresenta um novo valor. A festa era da comunidade, mas não precisava ser produzida exclusivamente por ela. Surge o carnavalesco, artista plástico que confecciona o idealismo imagético dos enredos, aplicado em constituições físicas. Com o embelezamento e aprimoramento de todos os quesitos, a década de 60 contempla o início de uma ascensão em definitivo das escolas. As apresentações e a vida das agremiações começa a tornar a atividade lucrativa. As entradas são cobradas em 1961 e a classe média é atraída. Logo após, a alta sociedade carioca é incorporada e os artistas de fama instituída se integram a determinados pavilhões e se tornam até símbolos mais mercadológicos das respectivas comunidades. O enredo ‘Reminiscências do Rio antigo’, traz-nos a primeira passista branca de classe média da Zona Sul. Nascida em Copacabana, Gigi da Mangueira defendeu a Mangueira até 1983. Na década de 70 esse progresso resulta em um aspecto de gigantismo, que envolve as principais escolas. A Portela já possuía 2000 componentes. Entretanto, tal aumento súbito culminou em uma ampliação exacerbada de falhas técnicas e problemas organizacionais, que fez com que escolas desfilassem já sob o calor do fim da manhã, enquanto a previsão era para a madrugada. Mas nada que incomodasse o povo. Um rito extraoficial, que ainda perdura, nasceu nessa fase. O ‘arrastão’ da última escola. As pessoas que descem das arquibancadas e seguem o embalo, tal qual procissão, da desfilante que encerra a edição. Uma escola que, nesse período,

começou a mostrar força e se notabilizou pelos arrastões populares é a Mocidade Independente de Padre Miguel. Muito desse crédito se deve a sua bateria, a mais famosa do espetáculo. Conduzida, sob a regência de Mestre André, a “paradinha” foi inaugurada e, atualmente, é esperada por todos, a cada desfile, ano após ano.

Outrossim, foi nos anos 80 que o desfile encontrou seu palco preferido e firmado, até então, para sempre. O Sambódromo. A Avenida Marquês de Sapucaí, “a mais famosa do mundo”. E por lá, a maior campeã se estabeleceu como de fora do eixo. Da baixada fluminense, a outrora desconhecida Beija-Flor de Nilópolis, sob os olhos de Joãozinho 30 se tornou imbatível, com o apelido de “rolo compressor”, devido ao aspecto de tamanha superioridade em relação a todas as outras agremiações. Hegemonia iniciada ainda em 1976, com “Sonhar com rei dá leão”, uma homenagem ao jogo do bicho. Nesse momento algumas escolas souberam se adaptar à subida de sarrafo da azul e branca da baixada e outras não, o que resultou na decadência de tradicionais grupos. Mas, outras forças surgiram, como a luxuosa Imperatriz Leopoldinense, que fez de 1989 o desfile mais polêmico de todos os tempos. Seu super técnico “Liberdade liberdade abre as asas sobre nós” foi o campeão do ano, mas a história aponta “Ratos e urubus: Larguem minha fantasia” da co irmã de Nilópolis, não só como o melhor do ano, mas quase que unanimemente, como o maior de todos os tempos. A quebra de estereótipos que Joãozinho promoveu, ao colocar mendigos na avenida, causou tanto impacto quanto a rixa com a Igreja Católica, a partir da alegoria do Cristo Mendigo, que entrou sob um plástico preto na avenida, com dizeres de, “mesmo proibido, olhai por nós”. A imagem só seria revelada no Desfile das Campeãs. Mas nem só o maranhense João brilhou. Max Lopes ficou marcado por seu fabuloso jogo de cores. Renato Lage representou o alinhamento da tecnologia com as alegorias. E a mestra Rosa Magalhães fez da princesinha de Ramos uma potência, com suas exibições barrocas, que pareciam semelhantes, mas extremamente complexas e perfeccionistas. A virada do século tem a marca da comissão de carnaval e o luxo de Nilópolis, paralelamente com o surgimento de um criativo e inovador Paulo Barros, com o uso de materiais alternativos e mais baratos e as “alegorias vivas” com teatralização, que coloca o homem e o corpo como símbolo e código:

Uma alegoria é uma representação de algo por outro. E numa alegoria viva, esta representação é feita por corpos, e a pretensão é que seja a mais fiel possível à realidade ou ideia que ela representa. Quando os “bailarinos” se acomodam nas AVs, todos têm a nítida consciência que a alegoria agora também é corpo, é parte do todo. Portanto, todos os movimentos feitos são uma extensão do carro e cada gesto traduz o significado do ato que a alegoria está representando.(SANTOS, 2009, p.36)

Com isso, pode-se perceber que a evolução dos desfiles das escolas de samba ganha tom de ciclo, de maneira que certos resgates, uns involuntários, outros de natureza forçada, foram necessários para que o espetáculo mantivesse o vigor ativo. No início possuía tom de individualidade, com os desfilantes, com fantasias simples, os focos dos cordões e ranchos. Anos se passaram, as alegorias foram ganhando enormidade, grandes bonecos estáticos, a fim de contar uma história. Esses, em dado momento, já ganharam movimentos e elementos naturais, como água e fogo e tais engenhosidades se tornaram verdadeiros enfoques de algumas edições. Prosseguindo, a revolução mais atual, a de Paulo Barros, retorna ao homem. De muitos homens, a constituição alegórica. Um simbolismo metalinguístico. Homens construíram a alegoria, que conta uma história vivida ou narrada por homens. Nada mais real do que próprios homens serem os pilares dessas alegorias vivas, com a fluidez da modernidade. Além disso, do lixo ao luxo, do luxo ao lixo. As escolas começam simples. Tornam-se ricas e o luxo é o desejo de todas e mais do que tudo. Marca registrada da campeã. A Beija-Flor luxuosa, que se ergueu a partir da riqueza, precisou se reconstruir e retomar o lixo. E com a ‘mendigagem’ embasou seu mais valioso desfile na história. As baterias que mais encantaram, assim faziam por suas bossas, paradinhas e cadência. Com o avanço do samba, que ganhou roupagem de estúdio, os ritmos foram se acelerando gradativamente. Contudo, uma nova escola de mestres está surgindo trazendo a cadência mais noventista e por conseguinte grandes sambas estão sendo apresentados nos últimos anos. Faltava um resgate. Não falta mais. As escolas, de raízes negras. Fruto dos negros, que com sua cultura variada, de tambor de mina, milindô, bate-baú, samba de roda, samba de lenço, jongo e lundo, não só influenciaram o samba como é hoje, mas são o samba, como é hoje. Mas, mesmo assim, os autores da festa, perderam-se e foram apagados. O artesão não soube mais moldar seu próprio filho. O compositor não olhou mais para si e só soube compor sobre aquilo que não é do seu pertencimento. Mas o resgate da africanidade uma hora ou outra teria que ser apresentado.

2.2 As Escolas de Samba e o quilombo

Em primeira análise, para que se chegue ao resgate, é mister que se entenda qual o objetivo. O que está sendo resgatado. Para isso, é preciso objetificar o elemento cultural. Ampliar o micro, as escolas de samba, para o macro, o qual é a cultura. Analogamente, Gilberto Freyre observa a relação do europeu para com o africano, nesse âmbito, de apropriação cultural, como um regime de alternâncias (FREYRE, 1933). Destarte, o homem

branco, em alguns momentos da história, colocou-se em relação ao mesmo movimento, com postura hostil e, em outrora, em um estado de equilíbrio. Tornando-se, mediante o exposto, membro do que já rejeitou. Ademais, como figura colonizadora, colocou-se como centro, dessa parte que lhe interessava e, claramente, retirou e colocou a cargo do negro, “o trabalho sujo”. Naturalmente, esse modelo se aplicou no desenvolvimento do carnaval carioca. O Rio de Janeiro foi a capital do Brasil, de 1763 a 1960. Com isso, de homens livres, das mais diversas etnias a negros escravizados, chegavam na região. Esses últimos, podendo vir de uma migração(forçada) interna, ou africanos que chegavam nos portos fluminenses, tendo como ponto de partida, suas nações de origem. Com efeito, a cidade se tornou um polo de misturas culturais. E o carnaval teve suas particularidades. Pode-se citar os fora da lei, mais queridos da festa(por serem brancos, é claro), os entrudos. Com influência portuguesa, as pessoas saíam pelas ruas, em ritmo de festa, e atiravam ovos e farinhas nas pessoas, além da principal marca, de tal fenômeno carnavalesco, as bolas de cera, cheias de água. E, saindo um pouco dessa realidade, mais popular e entrando para as festas das grandes sociedades, talvez percebamos a contribuição branca para os desfiles. Alegorias e fantasias. Mas isso em um contexto um tanto quanto abstrato, em tom quase que de esboço. E o fato central em torno disso, é que tais festejos dos grupos mais altos perderam completamente seu sentido e qualquer tipo de impacto ou força. Concomitantemente, as escolas de samba, ainda com configuração de cordões e ranchos, faziam a captação desses elementos, para seus ritos carnavalescos. E com esses moldes, o carnaval carioca chegou ao seu apogeu.

Entretanto, antes de chegarmos às enormes alegorias, representando orixás, que guiam determinados enredos, é necessário que se olhe para o despertar da cultura negra no carnaval. E, precipuamente, refere-se a figura do Cucumbi. Já mencionada, sua configuração técnica, é de valor que se entenda sua essência. Engana-se quem visualiza apenas como uma tentativa alegre de celebrar uma liberdade enganosa. O cortejo tem aura fúnebre, de saudades dos reis da África, enquanto tem relação com o sofrimento, vindo das dores do açoite da escravidão.

E a dança dos Cucumbis ressoou estrepitosa nas florestas, ao tinir das correntes dos cepos e dos gemidos nas senzalas, ao som do açoite, nas surras da escada e do soluço da mãe escrava, a quem tiravam para sempre dos braços o filhinho nu e misérrimo. (MORAES FILHO apud BRASIL, 2014, p.171)

Então, é muito difícil dissociar a cultura negra no Brasil, com a realidade de resistência, que se coloca como elemento formador. E, desse jeito, tal formação tem tanto o

pilar saudosista, para com uma realidade pré-diaspórica, das festas, como, por exemplo, a Congada. Mas também, a rigorosamente brasileira manifestação da capoeira, cujo, objetivos e origens estavam ligados intrinsecamente com uma realidade mais palpável. Podiam treinar, já que os movimentos passavam-se por dança, nas senzalas. E visavam a defesa pessoal. Não há literalmente nada da história negra no Brasil, que não passe por ato de resistência. Inclusive aquelas que estão em construção na realidade do mundo contemporâneo. Por isso, é fundamental entender que os movimentos culturais negros, hoje aceitos pela sociedade, normativamente, são de natureza forçada. Não é uma história de democracia cultural, onde há coexistência e todos puderam crescer e formar esse país de diversidade, tão orgulhosamente exaltado. O carnaval, agora televisionado, com participação de celebridades, tem origem nos Cucumbis e nas danças de velhos e, essas, já foram motivo até de cadeia, em seu início de trajetória. Acrescentar-se-á o perigo da manipulação da cultura negra por parte da ideologia dominante quando a retórica oficial se expressa através das próprias contribuições culturais negras no Brasil, para negar a existência do racismo e para reafirmar a proclamada democracia racial. Achar que todo esse passado e presente reprimido é apenas contexto para uma festa multicultural é um risco para sua subsistência. “o perigo da manipulação da cultura negra por parte da ideologia dominante quando a retórica oficial se expressa através das próprias contribuições culturais negras no Brasil, para negar a existência do racismo e para reafirmar a proclamada democracia racial” (MUNANGA, 1986, p.8)

Desse modo, fruto da resistência, nasceram as escolas de samba. Da casa da Tia Ciata, carregadas por grandes bambas da história. Essa cultura rapidamente se espalhou por todo Rio de Janeiro. No mesmo ritmo que o processo de urbanização desenfreado se dava, cada região foi conhecendo seu cordão, bloco, ou rancho. Negros vindos de todo o país, passavam a se instalar na Capital. A lei não era muito tolerante e não respeitosa com essas pessoas. E a geografia nesse caso soube bem desenhar a história do Brasil. Aqueles que sempre estiveram às margens dos direitos civis, do mesmo modo, alocaram-se, fisicamente, na capital. O processo abolicionista, que previa, nos planos de Isabel, uma reforma agrária, foi completamente frustrado, com a rápida reação escravocrata e militar, com roupagem de proclamação da república. Só restou o morro. Aos que vinham de Minas Gerais. Aos que vieram do interior do estado. E também, aos que vinham de um Sertão, pós-resolução de algumas revoltas. E de lá, do nordeste, o termo favela, vem para o sudeste do país:

As “cabrochas” eram naturais de uma serra chamada Favela, no município de Monte Santo, naquele Estado. Falavam muito, sempre da sua Baía, do seu morro. E aí ficou a Favela nas terras cariocas. Os barracões foram aparecendo, um a um. Primeiro, na aba da Providência, morro em que já

morava uma numerosa população; depois, foi subindo, virou para o outro lado, para o Livramento. Nascera a Favela.(CRUZ apud QUEIROZ FILHO, 2011, p.6).

Desse jeito, o que começou com alta comunidade negra e, que fique evidente, “alta”, não tem relação com situação social, como normalmente se indica. Trata-se da intelectualidade cultural negra, inicialmente concentrada no centro, na região portuária, na Praça XI. Chegou, depois, a cada um desses morros, a partir de seus baluartes, fundadores e patronos.

Os desfiles evoluíram, iniciaram em tom nacionalista, mas a união de três escolas de samba do bairro da Tijuca, na Zona Norte carioca, fez nascer uma potência que colocaria o negro como protagonista novamente. Do Morro do Salgueiro, a Acadêmicos do Salgueiro. Salienta-se que a escola fez sua estreia em 1954, nove anos depois do fim do Estado Novo, período ditatorial da Era Vargas. Contudo, a regra de que apenas enredos de tom patriótico, poderiam ser executados, ainda vigorava. Ou se falava da história do Brasil. Ou se falava da história de brasileiros. Era a brecha que a academia precisava. Em 1957, o enredo “Navio Negreiro” contava a história da viagem dos africanos escravizados até o Brasil. Em 1960, o primeiro título de temática preta da história. “Quilombo dos Palmares” é o primeiro da escola. Contudo, no ano o troféu ainda foi dividido com outras três agremiações. Mas três anos depois conquista indiscutível com o revolucionário “Xica da Silva”. Com a assinatura do carnavalesco Arlindo Rodrigues, é considerado um dos maiores desfiles da história do carnaval. Nesse ano, além de apresentar de forma inédita um enredo sobre uma mulher, uma mulher preta, ainda, trouxe um marco ao festival. Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, com “o minueto” trouxe a primeira ala coreografada da história. E finalizando as revoluções da escola, apresenta-se o “samba fácil”. Durante o início da história das escolas de samba, os sambas perderam aquela essência, dos batuques e das danças. Seus objetivos eram muito mais de ter uma narrativa contando aquela história, que quase sempre era sobre um episódio de “orgulho nacional”. Até que em 1971, com “Festa para um rei negro”, letra simplificada e melodia explosiva, fez a música se tornar mais agradável ao popular. O ponto foi marcante, tanto no sentido de que a partir daí, todas as agremiações seguiram o mesmo caminho, tanto quanto no fator mercadológico, já que as músicas foram consumidas durante o ano e não só no momento do desfile.

A partir disso, praticamente todas as escolas obtiveram um entendimento de que o negro não só poderia ser enredo, como também, “dar título”. E, claro, muito partia de um

desejo da comunidade. As quadras eram, de forma majoritária, compostas por pessoas pretas. Eram as estrelas, as personagens da ópera popular. E, como em qualquer realidade cultural, o desejo por se ver representado entrava em evidência e as pessoas queriam ver suas histórias sendo contadas. Por conseguinte, os carnavalescos, que a essa altura, quase a totalidade, eram artistas plásticos, vindos da Escola de Belas Artes, precisavam atender os anseios do povo. Mas, ainda assim, depois de “Xica da Silva”, em 1963, apenas em 1978, uma escola que não fosse o Salgueiro, venceria com um enredo de enfoque africano. A Beija-Flor de Nilópolis, com “ A criação do mundo na tradição nagô”. E a história ainda mostraria, que de fato, as duas seriam as escolas com mais vitórias, com tais temáticas. O ponto em comum está na figura de Joãozinho 30, o maranhense, que para muitos se tornou o maior carnavalesco da história. Ele era figurinista, no começo da carreira. Trabalhou com Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, em uma fase onde a Salgueiro venceu três vezes em seis anos. Até que em 1971, assinou, ao lado dos seus dois mestres e Maria Augusta, seu primeiro campeonato. Depois disso, já sem os professores, de 1974 a 1978 foi o campeão, duas vezes com a Salgueiro e o tricampeonato com a escola de Nilópolis.

Dessa maneira, com mais carnavalescos apresentando a questão negra dentro das suas escolas, podemos ver a festa de origem negra começar a desenvolver histórias de pertencimento. O povo começa a ser protagonista, não apenas dentro da sua individualidade, mas também no contexto maior. Visto, que todo desfile é uma apresentação, com algo a ser contado. Tal conto, que se faz canto, terá mais oportunidades de ser negro. Pelo menos é o que se imagina e, nesse ínterim, espera-se. Contudo, não há apenas uma maneira de se explicar essas obras sobre a negritude e, Kabengele Munanga apresenta uma subdivisão de como a literatura, a arte na totalidade, sabe introduzir histórias sobre a negritude: A negritude dolorosa, como nome indica, é uma tentativa do eu lírico de demonstrar angústia, e contar sobre o sofrimento. A negritude agressiva, parte para um apontamento de revolta para com tudo que vem do homem branco. A negritude serena visa um equilíbrio e resolução harmônica dos problemas sociais. A negritude vitoriosa nos dá uma conquista de se recuperar a cultura ou a liberdade(MUNANGA, 1986). Para exemplificar essa análise, pode-se olhar para o ano dos desfiles, que marcou o centenário da abolição da escravatura:1988. Três escolas fizeram enredos voltados para a africanidade. A Vila Isabel trouxe “Kizomba, a festa da raça”. A Mangueira, “Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão?”. E a Beija-Flor, “Sou negro, do Egito a Liberdade”. A Vila nos entrega um tom vitorioso, com uma meditação sobre a influência intelectual negra e uma vitória reafirmada de Zumbi dos Palmares e, por conseguinte, de toda a luta abolicionista. Porém, também carrega traços de negritude serena,

representados pela representação “Quilombo da democracia racial”. Nessa, negros, brancos, índios, caboclos e mestiços, em geral, estavam irmanados em desfile. Prosseguindo, a Mangueira, com o nome do seu samba, já aponta um posicionamento agressivo, de revolta, com a realidade vivida, desde que o primeiro negro foi acorrentado e trazido para o Brasil. A diferença da negritude agressiva para a dolorosa, é o receptor, mas sua mensagem é bem próxima, de forma que o desfile também é doloroso. O agressivo, é quando o receptor é o opressor, o branco, aquele que recebe esse samba manifesto. Doloroso é quando a dor é destinada a um igual. Quando receptor e emissor estão em condição igual. Representando quase que a figura de um narrador personagem para esse desfile mangueirense. A escola ainda, de maneira bem mais sutil, coloca-se em tom vitorioso, já que agora existe liberdade, com um exaltar das tradições e as escolas de samba como o grande “prêmio”. Todavia, o samba mesmo indica uma falsa vitória, vinda de uma falsa abolição: “Livre do açoite da senzala preso na miséria da favela”(MANGUEIRA, 1988)³. Por fim, em tom mais vitorioso, no geral, a Beija-flor apresenta um sincretismo inusitado dos deuses do Egito, para com os Orixás, para começar uma exaltação à ancestralidade. O samba, em cadência bem animada, representa bem o desfile que foca muito menos em falar da escravidão para falar sobre o negro, de fato. Há menções a emancipação e toque agressivo ao criticar a abolição “para inglês ver”, mas, o objetivo maior mesmo é uma celebração da história do povo preto.

Similarmente, enquanto as pessoas pretas moldaram as escolas de samba, o efeito contrário ocorreu e ainda é visto. De forma, as escolas, muito mais que, simplesmente desfilar, são ferramentas de construção social, em comunidades, muitas vezes carentes. E, ainda mais importante, o empoderamento das pessoas pretas, das comunidades. Gente simples que se torna a estrela de um espetáculo visto pelo mundo inteiro. Para uma ilustração simples, a Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão do desfile, atingiu 16 pontos de audiência, na Grande Rio⁴(além da capital, São Gonçalo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé, Itaboraí, Mesquita, Nilópolis, Maricá, Queimados, Itaguaí, Japeri, Seropédica, Guapimirim, Paracambi e Tanguá e Niterói). Desse jeito, como cada ponto na região é representado por 124.692 pessoas, 1.995.072 pessoas assistiram, na área, nesse sentido, Evelyn Bastos. Nascida em 5 de agosto de 1993 e, criada no Morro da Mangueira, ela começou na Mangueira do Amanhã, escola mirim da agremiação. Enfim, os milhões que viram o desfile na TV, puderam assistir uma mulher preta, da favela, ser uma

³ Disponível em:<https://www.vagalume.com.br/mangueira/samba-enredo-1988.html>. Acesso em: 28/12/2022

⁴Disponível em:<https://oglobo.globo.com/kogut/audiencia/noticia/2022/04/com-transmissao-dos-desfil-es-de-carnaval-globo-conquista-audiencia-alta.html>. Acesso em: 18/11/2022

rainha. A rainha de bateria, da “tem que respeitar meu tamborim”(nome da bateria da escola). E se a bateria é o coração do maior espetáculo do mundo. Nela estava a personificação do reinado, do coração do carnaval mangueirense. Paralelamente, essa importância está muito além da passarela. A Beija-Flor se define como “Mais que uma escola de samba, uma escola de vida”. Esse é o legado social que todas as escolas representam para suas comunidades. Desde a simples distribuição de cestas básicas e doces de São Cosme e Damião, até os cursos profissionalizantes, oferecidos gratuitamente. As escolas de samba são a instituições promotoras de cultura, que, talvez, de forma mais palpável, representam uma interferência prática nas comunidades mais marginalizadas. A própria Mangueira possui um projeto olímpico, envolvendo o esporte, como outro pilar para a inclusão. Esse sem qualquer tipo de ligação direta com espetáculo. Outro ponto, é o impacto dos enredos, uma escola ao defender na avenida, uma luta contra o racismo, isso tem o impacto mundial daquelas histórias, normalmente, veladas, sendo expostas. No entanto, pense no resultado que causa o centro de uma comunidade, a quadra, passar um ano inteiro falando desse assunto, com exposições plásticas, musicais. Com os ensaios, uma vez por semana. Esse é o poder que a escola tem para uma criança preta, que não costuma ver seus heróis e princesas, parecidos com você. Nas escolas, quase sempre, a rainha é preta, o mestre-sala, o mestre de bateria. E os ensinamentos também precisam ser. Assim, enxerga uma mulher, que teve sua vida mudada pelo carnaval, Selminha Sorriso, primeira porta-bandeira nilopolitana: “Fará diferença no futuro que são as crianças, vamos investir na educação, formarmos novas consciências de ética e de respeito, sermos iguais. que possamos ser seres humanos melhores”(SORRISO, 2021)⁵

⁵ Entrevista concedida ao autor. Por celular. 10 de setembro de 2021

3 “E O SAMBA SAMBOU”: O ENREDO SE TORNA PRODUTO

Hoje o samba é dirigido com sabor comercial
 Carnavalescos e destaques vaidosos
 Dirigentes poderosos criam tanta confusão
 E o samba vai perdendo a tradição(SÃO CLEMENTE, 1990)⁶

O samba da São Clemente, escola sempre marcada por seu tom irreverente, fez uma declaração metalinguística, ao usar um samba para criticar o samba. No desfile, que herdou apenas a sexta colocação em 1990, mas impactou a história para sempre, apontamentos necessários foram feitos. As escolas de samba, que em outrora eram colocadas às margens e, só o simples desfilar se configurava em bravo ato de resistência, viraram camarotes. Ou seja, o dinheiro te coloca em qualquer lugar. Em algumas escolas, literalmente. O cargo mais maximizado para as meninas, nascidas na comunidade, cabrochas e passistas, está à venda em muitas agremiações. Não precisa nem tem samba no pé e muito menos identificação. Celebidades pagam para ser a rainha de bateria. Aquela que conduz o coração da escola. Amor comprado, então. Os artistas, de verdade, constituídos via herança cultural, mas estabelecidos por sua luta, são escondidos para que as “musas digitais” tomem a frente e sejam evidenciadas em cima de um luxuoso queijo(local onde os destaques ficam nas alegorias), repleto de garbo, elegância e, acima de tudo, muito valor. Ainda, você vê uma escola desfilar e são tantas credenciais, tantos aspones, que se confunde o fato do pertencimento ou não daqueles elementos a agremiação, que está se apresentando, realmente. E os camarotes, não são só “alegorias” para se explicar os privilégios. A potencialização, elevada ao seu extremo, da mercantilização do festival, é a versão literal desses. Cantores, de diversos gêneros, sertanejo, funk e até de pagode, apresentam-se em espaços fechados, com preços altíssimos, comida e bebida liberada⁷. Nada contra tais eventos, não só podem, como devem acontecer rigorosamente em qualquer lugar do país, em qualquer horário, menos na Marquês de Sapucaí, no momento dos desfiles. Há uma tentativa de isolamento sonoro, mas a verdade é que as harmonias das escolas são deveras prejudicadas pela música tocada neles. E o mais sério, o maior espetáculo da terra está acontecendo e tem gente “de costas” para ele. Enquanto isso, o povão fica sem espaço na arquibancada e precisa recorrer à transmissão televisiva, outra que, por vezes, está mais interessada nos seus astros, do que na “grande constelação de estrelas negras” que passa na avenida, sob os olhos e, principalmente, as

⁶ Disponível em:<https://www.letras.mus.br/sao-clemente/1676878/>. Acesso em: 28/12/2022

⁷ Disponível em:<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/15/camarotes-na-sapucaia-2022-veja-atracoes-e-como-comprar-ingresso.html>. Acesso em: 10/12/2022

lentes. Dessa forma, o evento, com origem na festa do povo preto, e por conseguinte, ganha condição de indústria: A indústria do samba. A cultura recebe moldes sendo vendida.

Nessa perspectiva, aqueles homens e mulheres negros, que ergueram as escolas, trabalham, em um horizonte capitalista. Nesse meio, não há mais só manifestação cultural, mas uma nova relação de patrão e empregado, construída. A cultura popular passa pela fase de doutrinação. Como conseguinte, quem deveria falar, passa a só ouvir.

Se atentarmos para o fato de o capitalismo industrial ter alterado as relações de força e exacerbado as lutas em torno das culturas das classes populares, perceberemos que, em muitos casos, a questão da hegemonia realmente se manifesta por meio de um conflito entre doutrinação e resistência. No processo de consolidação deste processo produtivo, práticas sociais e formas diferenciadas de vida foram substituídas, caíram em desuso ou se marginalizaram, no entanto, é necessário que se reconheça que as culturas populares sempre estiveram entre as forças atuantes na sociedade capitalista e que nunca puderam ser apreendidas como sistemas exteriores a ela. (SILVA, 2008, p.50)

Desse modo, se o mercado é colocado sob pilares racistas, não há linearidade lógica em homenagear a negritude. Se a religiosidade de matriz africana é vista com preconceito por grande parcela de uma sociedade elitista, seria contraditório ver as entidades e crenças dessa, sendo exaltadas em um desfile. Se o racismo científico foi estabelecido para fazer um silenciamento dos episódios torturantes e, gradualmente, impor uma ideia de miscigenação natural, não havia razão para um enredo de saudação a um passado pré-escravização. Isso tudo, é o que a mão do mercado tentou e visa efetuar sob o samba. Mas do outro lado dessa luta, a negritude resiste. Porém, alguns impactos já puderam ser sentidos.

3.1 O samba como ferramenta nacionalista

Desde que Pedro Ernesto, a pouco eleito prefeito da cidade do Rio de Janeiro, colocou dois contos de réis, como subvenção, a disposição da Deixa Falar, em 1932, o mundo do samba conheceu o conceito “patrocínio”. O desfile foi após a Revolução de 30, responsável por derrubar Washington Luís da presidência da República e fez com que Getúlio Vargas se tornasse o novo líder do poder executivo nacional. Assim, é mister compreender que as mais diversas manifestações populares vinham acontecendo em apoio a tal insurreição, de cunho político. Desse jeito, o desfile seria mais uma dessas e seria a bandeira do Rio de Janeiro e, um aceno oficial, de apoio, não só de um povo agradecido, mas de uma prefeitura, em busca

de conexões. Com isso, “A Primavera e a Revolução de Outubro” foi o nome daquele enredo, dado como marco zero, para um modelo, até hoje não abandonado, no universo sambista. A escola e, de fato, a primeira a se autodeclarar como tal, não teve muito sucesso e a história acredita e credita à corrupção, outra marca desse país. Entende-se que muito do dinheiro foi desviado. Sindicâncias foram abertas e rapidamente encerradas. A escola enrolou a sua bandeira, ou melhor, anexou-se a outra. A União das cores. E, assim, surgiu a União Estácio de Sá. A Deixa Falar se foi, mas a cultura subvencionista do samba acabara de nascer e, dessa maneira, cada vez mais popularizado, o samba se tornou ferramenta nacionalista. A festa dos oprimidos, ironicamente, transfigurou-se em mão de modelos opressivos e totalitários, em alguns momentos específicos de nossa história. E esse será chamado de o primeiro “não” aos negros, dado pela própria festa dos negros. Ou que ao menos era deles.

Em primeiro viés, a cultura, especialmente a popular, em governos ditatoriais, quase que em tom padronizado, sempre foi utilizada em grau estratégico como meio construtor de uma espécie de identidade nacional. E, assim como em todos os meios, tal prática foi colocada no carnaval e, como é costumeiramente feito, toda representatividade e passados de resistência por trás do fenômeno social, é simplesmente vítima de um apagamento. Como resultado e, simultaneamente, base, o dono do poder, reconfigura o sistema da festa para que, em novos recortes, legitime-se o discurso a ser implantado na sociedade, naquele momento vigente. E a ideia base, para essas ações, consiste no reinvento. Se mitos são estabelecidos e culturas são reformuladas, a partir delas, um povo pode ser reinventado.

Assim como não há um conteúdo fixo para a categoria da “cultura popular”, não há um sujeito determinado ao qual se pode atrelar - “o povo”. “O povo” nem sempre está onde sempre esteve, com sua cultura intocada, suas liberdades e instintos intactos (HALL, 2003, p. 263).

Por isso, o nacionalista Vargas enxergava um potencial imenso nos desfiles, de conversão do povo. Se a adaptação do samba “O Bonde de São Januário”, de exaltação da malandragem a ufanista com o trabalhismo, pode tocar pelos ouvidos, o recém-criado novo gênero musical, o samba enredo poderia despertar outros sentidos. A escola não é só uma música, é um contador de histórias, que usa da música, de alegorias, fantasias, mas acima de tudo, emoção e paixão. E é falando na língua do povo que você o convence que sua versão da história, não é simplesmente uma versão, mas naturalmente a única. A oficial. Em 1935, então, Vargas tratou com as escolas, que essas levassem temas nacionalistas para a avenida e como contrapartida, dinheiro público seria colocado à disposição. Pouco tempo depois, tais enredos tornaram-se regra, implementada pela União das Escolas de Samba. Por praticamente três

décadas as escolas de samba revezaram suas apresentações em atos de exaltação republicana, homenagens a figuras da república e algumas passagens de referência imperial. É simples, dito isso, a compreensão, que em uma festa de ordem nacionalista e exaltadora de uma república de roupagem escravocrata, de que o negro foi “expulso” da sua própria festa. Após uma abolição tardia e incompleta, o desfile criado pelos negros, menos de cinquenta anos após a assinatura da lei áurea, cantava sobre uma história branca. Ou seja, ex-escravizados provavelmente desfilaram. Seus filhos, certamente. E o samba que dava ritmo à festa, por exemplo, o da Portela, de 1945, trazia dizeres como: “No Brasil sempre existiu humanidade/O Brasil é um país sincero/No Brasil se encontra a liberdade”. Essa mesma Portela teve uma sequência de sete títulos consecutivos, de 1941 a 1947. “Dez Anos de Glórias”, sobre si própria. “A Vida do Samba”, contava a história do ritmo e sua importância como figura de identidade nacional. “Carnaval de Guerra”, que em linhas gerais indicava o apoio da escola à entrada do Brasil na guerra. Nesse ano, o desfile ocorreu no Estádio de São Januário, principal palanque de Vargas, na capital. Um dos destaques foi a alegoria de uma vaca, cravejada por bandeiras. O animal representava o Eixo (Japão, Alemanha e Itália). “Motivos patrióticos”, um esforço de guerra, pedia pela união, a partir da exaltação de elementos, como a bandeira, o brasão da república e o hino nacional. “Brasil Glorioso”, o nome fala por si. É importante frisar que nesses últimos três anos a figura do carnavalesco da escola foi substituída pela Liga da Defesa Nacional, uma associação cívico-cultural. Todavia, nos dois anos seguintes, o grupo se desvinculou, mas os membros Euzébio e Lino Manoel dos Reis seguiram como carnavalescos e foram campeões com “Alvorada do Novo Mundo”, em um ano que todas as escolas foram obrigadas a desfilar falando sobre a vitória dos Aliados. E, um ano depois, “Honra ao Mérito”, uma homenagem a Santos Dumont.⁸ Apenas em 1957 o primeiro desfile, ainda que em tom de lamento, acontece sobre a negritude, “Navio Negreiro”, da Salgueiro. A escola campeã do ano foi a Portela, com “Legados de D. João VI”. A vitória só viria mesmo em 1963, com Xica da Silva. Porém, quando parecia que o lado dos negros começaria a ser contado, de verdade e, assim, a festa homenagearia seus verdadeiros donos, a ditadura começou. Um ano após o histórico desfile salgueirense. A Mangueira, em 1971, homenageou a fundação dos Correios, por exemplo, e a Beija-flor, dois anos depois, falou sobre a educação no governo militar. Contudo, mesmo que em meio a censura, os militares não colocaram os desfiles sob o mesmo foco que Vargas e durante o regime ocorreram grandes desfiles sobre a cultura preta.

⁸ Disponível em: <https://www.gresportela.org.br/Historia>. Acesso em: 18/12/2022

Destaca-se “Festa para um rei negro” e “Bahia de todos os deuses” da Salgueiro e “Criação do mundo, na tradição Nagô”, da nilopolitana. A partir dos anos 80, no ritmo da redemocratização, as escolas estavam cada vez mais livres e, desde então, podiam tratar do tema que bem entendessem. Entretanto, a negritude seguiu colocada em segundo plano.

3.2 O Samba como ferramenta capitalista

Quando o carnaval consegue se libertar das influências governamentais, que determinaram por muito tempo o seu direcionamento, outra forma, “invisível”, amarrou o movimento cultural. Chega-se, desse jeito, ao segundo não, dado aos negros, pela sua própria festa. O do mercado. Tudo começa no conceito primário de se tentar relativizar algumas características mais específicas de cada etnia ou grupo social. Em contrapartida, o Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro é, não só repleto de elementos do povo preto, mas também quase que uma objetificação do que é a história de resistência desse povo. Contudo, o mercado precisa que a festa ganhe tons mais lúdicos, para ser mais abrangente. O carnaval não poderia se limitar ao povo preto, às comunidades, favelas e morros. Vargas se interessou lá atrás pelo desfile, pois a classe média estava começando a se tornar adepta do evento. O mercado começa a colocar sua mão da mesma forma. O conceito “O maior espetáculo da terra” é midiático. Muito mais que “a festa dos negros”, como o desfile era apontado, quase que em tom criminal, no início da sua constituição. Desse modo, entre personalidades, lugares e novas histórias, o desfile atenderia a todas as demandas do país, não por escolha, mas, talvez, por necessidade:

As políticas culturais mais democráticas e mais populares não são necessariamente as que oferecem espetáculos e mensagens que cheguem a maioria, mas as que levem em conta a variedade de necessidades e demandas da população (CANCLINI, 1995, p.113)

O problema disso tudo, é que a tal sociedade, onde a demanda precisa ser atendida, foi fundada por mãos escravocratas e, por conseguinte, se o racismo estrutural está fincado nas raízes do público, esse acabou estando também na formatação do produto. Mas não, isso não quer dizer que as escolas são racistas, de forma alguma. As escolas nunca deixaram de ser um quilombo, um ponto de resistência para as comunidades negras. Contudo, em dado momento o samba abandonou sua vocação revolucionária. E a culpa não é sua. A ideologia do opressor sempre representou uma espécie de véu, que de tanto cobrir a realidade, com sua suposta verdade, o oprimido, a quem dá luz da razão, perdeu-se de suas tradições e certezas.

Tal aparelhagem vem construída pelo Estado, desde suas constituições mais primitivas, como a teoria da ideologia de Althusser, filósofo marxista francês, indica:

Toda a ideologia representa, na sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas derivam), mas antes de qualquer coisa, representa a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam. Na ideologia, o que é representado não é o sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas a relação destes indivíduos com as relações reais em que vivem. (ALTHUSSER, 1980, p. 82)

Assim, a falta de representatividade negra na escolha das temáticas carnavalescas não é um reflexo da existência, em sua essência, do indivíduo ‘sambista’. O negro em nenhum momento deixou de viver uma história de sobrevivência, tanto de forma prática. Viver já é um desafio. Mas, nesse caso, na manutenção de suas raízes. Os bambas seguem encontrando refúgio nas quadras, em suas comunidades. E seguem sendo vistos com preconceito pela sociedade. Todo mundo quer desfilar na Sapucaí, mas a realidade de quem faz a ‘Sapucaí’ acontecer, não. Entretanto, essas pessoas estão enquadradas no relacionamento, esse real, de uma sociedade, tipicamente racista, em seus aspectos mais puros. E com o tempo, o oprimido começa a não acreditar, mas se adaptar. Há uma luta para que isso não ocorra. Mas é um desdobramento um tanto quanto duro. Principalmente quando você reconfigura a própria cultura desse povo. Dessa maneira, emprega-se o uso de artifícios de uma cultura branca para fazer com que o povo preto não manifeste seus esforços culturais, dentro da sua própria ferramenta cultural. Resistente por origem, mas tem tom lúdico, já que envolve todo aquele conto carnavalesco, que “acaba na quarta-feira”. Mas a ideologia opressora não dá espaço nem para o negro viver seu espaço cultural, a seu modo, no intervalo do carnaval. No fim, o mercado sempre intervém, já que qualquer coisa que saí dessa “forma”, recebe título de revolução. E para quem controla os meios, nada pode ser pior do que isso.

Ainda, chega-se ao terceiro “não” dado aos negros no carnaval. E esse é muito mais um “sim” a outras coisas, de forma mais propriamente dita. O sim ao dinheiro, de forma bem resumida. Colocar a cultura à venda é culpa de quem é passivo da opressão, mas como resultado da mão ativa. O conceito de enredo patrocinado é o clímax, de tudo aquilo que começa com uma exaltação forçada à pátria. A diferença é que ao invés de as escolas serem forçadas, por movimentações governamentais, agora é uma opção. É uma escolha ir atrás de mais dinheiro, e para isso, abdicar, em dada escala, de sua liberdade poética. Muitos são os exemplos na nossa história sambista. Pode-se considerar que em 1995 foi o marco zero de tal

fenômeno. Dez anos depois do fim da ditadura. O que aponta que o samba ficou pouco tempo sem nenhum tipo de direcionamento. Ora do Estado, ora do mercado. A Imperatriz Leopoldinense, com “Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará”, recebeu patrocínio do estado citado no título do enredo. Vários locais seguiram a onda, nos anos seguintes: Pará, Araxá, João Pessoa e Natal foram alguns de destaque. Contudo, no ano de 2002 que contemplamos o auge. TAM, Varig, na época as principais empresas de aviação nacional, a primeira com Salgueiro, a segunda com a Beija-Flor. Campos dos Goytacazes, Maranhão, Porto Alegre, Amazonas, Costa do Sol e Guapimirim foram locais lembrados. Uma escola que se destacou no assunto foi a Grande Rio, que antes de ser campeã com um enredo afro, em 2022, insistiu bastante nos mais diversos patrocínios. Vale, Nestlé, Camarote, Coari, Maricá, Santos e Florianópolis foram tema da escola de Caxias. Em algumas vezes funcionou, é claro. A Unidos da Tijuca venceu seu quarto título em 2014, com um enredo biográfico sobre Ayrton Senna, mas a escola recebeu R\$ 6 milhões de reais das patrocinadoras Shell, Audi, Credicard e Gillette, para isso⁹. Um ano antes, a Vila Isabel foi campeã, homenageando a agricultura, com o amparo financeiro da Basf, empresa química. A vice-campeã em 2013 também era patrocinada. A Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Manga-larga Marchador apoiou o desfile mega luxuoso da Beija-Flor sobre o animal. A Nilopolitana venceria em 2015, com apoio das empreiteiras Queiroz Galvão e Odebrecht, em enredo sobre a Guiné Equatorial, país africano que vive sob ditadura militar. Assim, vivemos o auge do enredo “comprado”, três vitórias consecutivas. Porém, a história nos entregou muito mais derrotas e constrangimento. Desde a tradicional Mangueira usar o slogan da Petrobras, disfarçado, em seu samba. “O desafio é a nossa energia”, para “A energia é o nosso desafio”, até a Porto da Pedra, desfilando sobre o iogurte, com dinheiro da Danone. A escola foi rebaixada e nunca mais voltou ao Grupo Especial.

Em suma, não há problema algum, nas escolas buscarem outros meios, além do subsídio governamental e seus eventos, para arrecadar dinheiro. O que não pode acontecer é o fator financeiro ser o que fala mais alto. Em um país marcado pela desigualdade e por inúmeros “nãos” dados à comunidade negra, o carnaval precisa por essa como estrela. É onde os marginalizados são o fator central. O desfile surgiu assim e não pode perder sua essência. O dinheiro é fundamental para se levantar um espetáculo. Mas sua função é tornar real o sonho,

⁹ Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/radar/shell-no-carnaval/?utm_source=twitterfeed&utm_medium=twitter&utm_campaign=Feed%3A%20w_radar-on-line%20%28_Lauro%20Jardim%29. Acesso em: 17/12/2022

em forma de arte, do povo das escolas. Além disso, como toda competição, o objetivo do evento é vencer e, o histórico dos desfiles das escolas de samba do grupo especial, do Rio de Janeiro, mostrou-nos bem mais derrotas que o contrário desse padrão temático. Com demora, presenciamos a decadência e, em 2022, não vimos nenhuma escola vendendo seu enredo.

4 “O NAVIO NEGREIRO”: OS ENREDOS AFROS APLICADOS

Apresentamos
páginas e memórias
que deram louvor e glórias
ao altruísta e defensor
tenaz da gente de cor
(SALGUEIRO,1957)¹⁰

Nos versos do samba de 1957 da Acadêmicos do Salgueiro, estava a primeira introdução de um enredo afro na história do Carnaval. “Navio Negreiro” começava com a torturante realidade, desde a vinda forçada, em precárias condições, das pessoas pretas para o Brasil. E termina celebrando a liberdade. A escola usou o precedente de que estava homenageando a obra de Castro Alves, o poeta dos escravos e, assim, inaugurou a temática no meio. Desde então, o desfile passou por diversas revoluções, os mais variados tipos de enredo foram colocados na passarela. Algumas escolas se caracterizam por determinadas vertentes. Porém, os enredos afro sempre foram minoria, não por sua falta de sucesso, na busca da comunidade pelo título, mas por escolha das agremiações.

4.1 Os Enredos

Primordialmente, é preciso que se entenda o que faz de um enredo “afro”. Essa explicação, inicialmente, parece simples, mas se pode compreender que todo desfile é “afro”, já que o carnaval, no contexto dos desfiles, é uma festa de origem africana, como já foi previamente indicado. A grande maioria das figuras históricas do carnaval são negras e os componentes, dos mais diversos segmentos, são, também, em sua predominância. Contudo, se assim fosse, essa análise não seria, de fato, necessária. Para isso, tem que se introduzir como os enredos são subdivididos no universo do samba. Em primeiro lugar, pode-se entender que um enredo pode ser classificado de duas formas, como, por exemplo, no caso dos patrocínios. Como já indicado, o desfile é patrocinado, quando a escola recebe subvenção para falar do tema desejado. A Grande Rio, em 2010, com “Das arquibancadas ao Camarote n.º 1. Um Grande Rio de emoção na Apoteose do seu coração”, é um exemplo bem simbólico. A escola recebeu apoio financeiro da AMBEV e, assim, adicionou o “Camarote n.º 1”, não só no seu desfile, mas no título e no samba. Evidentemente, o desfile patrocinado não fala só da marca, mas a menção e o direcionamento do tema existe. Outro modelo de enredo bastante visto é o CEP(cidade, estado ou país). Trata-se de um desfile sobre alguma

¹⁰ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/salgueiro-rj/710530/>. Acesso em: 28/12/2022

localidade e o tema pode ser abordado das mais variadas formas. Desse modo, o lugar pode ser “homenageado” naturalmente, ou pode ser um “CEP patrocinado”. “Goitacazes... Tupi or not Tupi in a South American Way”, foi o desfile da Imperatriz Leopoldinense, em 2002. A cidade de Campos dos Goytacazes pagou 1,8 milhões para a escola e, no fim, a Procuradoria Geral do município notificou judicialmente a agremiação, por não ter honrado com as expectativas campistas. Ainda, na linha das homenagens, os desfiles biográficos sempre estão em alta. Como uma ópera a céu aberto, a passarela narra a história da vida de uma personalidade. Quase sempre existe um tipo de identificação com a comunidade, que “clama” pelo enredo, como no caso de 2020 da Mocidade Independente de Padre Miguel, com “Elza Deusa Soares”. Às vezes, só é uma pessoa, que realmente “merece”, no julgamento nacional, ou de um público menor, como vimos em 2002, com a Império Serrano, em “Aclamação e Coroação do Imperador da Pedra do Reino: Ariano Suassuna”. Mas as homenagens, principalmente quando se trata de alguém em clara evidência, no momento, rotineiramente, rendem fundos. “Ivete Do Rio Ao Rio”, de 2017, deu à Grande Rio cerca de 10 milhões de reais. Agora, dois formatos que se confundem, por vezes, mas possuem seus graus de divergência: O lúdico, que gosta de trabalhar com significantes e significados e esses são alterados, dentro das mais diversas possibilidades, em um sintagma, consoante a criatividade do carnavalesco, conforme as ideias de Saussure:

Declaramos que expressões como A forma, A idéia; A forma e A idéia; O signo e A significação, são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua. Não existe a forma e uma ideia correspondente; não há a significação e um signo correspondente. Há formas e significações possíveis (nunca correspondentes); há, apenas, em realidade, diferenças de formas e diferenças de significações; por outro lado, cada uma dessas ordens de diferenças (por conseguinte, de coisas já negativas em si mesmas) só existe como diferenças graças à união com a outra.(SAUSSURE apud CUNHA, 2008, p.7)

Sendo assim, de fora onírica, um tema é trabalhado, quase que em tom de fábula, usando artifícios, para se chegar a uma mensagem. Pela liberdade poética, muitos desfiles icônicos aconteceram, sob esses moldes. Joãozinho 30, o mestre dos enredos lúdicos, deu-nos “Ratos e urubus, larguem minha fantasia”, em 1989. Exibição, que carrega quase que com unanimidade, o título de “maior de todos os tempos”. O enredo autoral, o segundo, tem características próximas e, é bom que se entenda que todo enredo lúdico é autoral, mas isso não se confirma no ponto contrário. Pode agregar qualquer aspecto da cultura, e inclusive todos os tipos de enredo. A obrigatoriedade é que seja algo novo, com pouca informação

disponível ou que se dê uma roupagem inédita, isso pode levar tanto para um caminho mais abstrato, como o desfile da Unidos da Tijuca, “É segredo!”, campeão de 2010, ou pode contar uma história silenciada, pela educação normativa. Um grande exemplo é “A Saga de Agotime, Maria Mineira Naê”, da Beija Flor, em 2001. Enredo baseado em relatos da Pajé Zeneida Lima, sobre uma rainha africana, escravizada no Brasil, que fundou um templo religioso no Maranhão. É autoral. É afro. É biográfico. E é CEP. E os últimos dois são os que costumam trazer mais impacto e, por vezes, caminham juntos. O enredo de crítica social, que parte de uma ou várias problematizações, para desenvolver um espetáculo. 2018, ano de eleição, foi marcado por esses. A campeã Beija-flor foi por esse caminho, assim como a vice, Paraíso do Tuiuti. Mas na escola do bairro de São Cristóvão está o relacionamento desses dois moldes finais. Com “Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?”, a escola fez um desfile afro, por essência, mas pela atualidade do problema, teve ares críticos. Por fim, os enredo afro. Qualquer tema que fale de africanidade. Sejam histórias do povo na África, no passado ou agora. Ou mesmo do povo preto no Brasil. Memórias dolorosas da escravidão e da diáspora. Intelectualidades e lideranças negras. Folclore e mitologia negra. Religiosidade. Assuntos atuais, como o racismo. Literalmente, qualquer aspecto da negritude.

Sendo assim, imagina-se que as escolas mantenham uma espécie de equilíbrio entre os estilos, até para não ficar repetitivo. E, por exemplo, é claro que existem escolas mais associadas a alguns estilos. A União da Ilha do Governador é conhecida por seus grandes desfiles lúdicos. Apesar de não só fazê-los.

4.2 O histórico dos enredos afros

A história nos mostra que as escolas, no geral, quase sempre preteriram um determinado molde. O afro. Ora pelo fato das escolas estarem atuando sob influência de governos ditatoriais e discursos nacionalistas. E, assim, naturalmente, em um país escravocrata, em uma república fundada por escravagistas, não seria coerente, no contexto da época, ter ufanismo por histórias negras. E, em outrora, por influência de um mercado, que passa a ter influência nos desfiles, que precisam ser "vendidos", pois a negritude nunca foi um produto bem explorado no país, como Strozenberg indica:

Em toda a história da propaganda no Brasil até meados da década de 1980 do século passado, negros e mestiços só apareciam nos anúncios desempenhando papéis subalternos-como escravos, serviçais de vários tipos e trabalhadores braçais-e no lugar de coadjuvantes: complementos do produto ou elementos do cenário (como um motorista, conferindo ainda

mais status a um carro de luxo, ou uma cozinheira, garantindo a qualidade de uma marca de farinha de trigo (STROZENBERG, 2005, p.200)

Isso se reflete no desfile. Os negros não passam de componentes, pessoas que trabalham

pelo show. Mas o espetáculo precisa ter como foco, aquilo que o mercado tem por interesse. Assim foi por muito tempo. Isso se confirma com o fato de existirem poucos desfiles afros na história das escolas de samba, como aponta a tabela:

Figura 2 – Tabela com as 12 escolas do Grupo Especial (No ano de 2022). E a última vez que cada uma trouxe um enredo afro, com seu respectivo tema(antes de 2022)

ESCOLA	ÚLTIMO DESFILE	POSIÇÃO
Acadêmicos do Grande Rio	2020	Tata Londir
Acadêmicos do Salgueiro	2020	O Rei negro do picadeiro
Beija-flor de Nilópolis	2015	Guiné Equatorial
Estcao 1 de Mangueira	2000	Dom Obá II
Imperatriz Leopoldinense	2015	Axé-Nkenda
Mocidade I. de Padre Miguel	1976	Mãe Menininha do Gantois
Paraíso do Tuiuti	2018	Está extinta a escravidão?
Portela	1994	Quando o samba era samba
São Clemente	1972	Danças de um povo livre
Unidos da Tijuca	2003	Aguds
Unidos de Vila Isabel	2017	O som da cor
Unidos do Viradouro	1994	Orfeu, o negro do carnaval

Fonte: Elaborao do autor, 2022.

Sob esse viés, a partir dos dados, pode-se entender que nos últimos anos já começamos a ver um processo de reaproximação se concretizar. Contudo, de forma simultânea, apresentam-se muitas escolas, que já não realizavam, antes do desfile de 2022, há muito tempo um enredo de sentido africanizado, representando um certo impacto, já que se compreende o desfile das escolas de samba como força cultural de raiz africana, composto em sua maioria, por pessoas pretas.

Então, é prudente o apontamento, que independente do referido se tratar de um evento cultural, em sua essência. Mas, talvez até na mesma proporção, é uma competição. E, apesar de todo dinheiro envolvido, o investimento feito. Todo trabalho, que dura quase um ano, de uma edição a outra, é para a comunidade vencer. Drucker(1997) indica que o capital humano é o principal definidor de competitividade. Ou seja, o que move a disputa, de fato, são as pessoas, que são, mais que torcedores ou adeptos. No futebol, o torcedor canta e, assim, no máximo pode impulsionar seu time. Há quem defenda que tal fator cause algum tipo de interferência. No carnaval é diferente. Não há discussão. A torcida é ativa e transfigura-se em componente e é o grande determinante. Claro que é preciso dinheiro. Bons profissionais. Mas no fim das contas, sem a comunidade nada acontece.

Entrando nos quesitos, julgados pela comissão avaliadora, que define as notas, e conseqüentemente o resultado: harmonia, trata justamente da avaliação do canto dos componentes e, seu limpo entrosamento para com bateria e carro de som-intérprete oficial e vozes de apoio — da desfilante. Evolução, pode ser prejudicada por questões técnicas e mecânicas, mas sem resultado perfeito, e até ajustes, passa pela boa passagem dos componentes. Se estão dançando. Mas principalmente pelo ritmo do desfile, se mantém regularidade, ou se em dados momentos se acelerou, em outros, o contrário. E quase que simbolicamente, a ausência de pessoas, gerando um vazio, os “buracos”, é um dos principais motivos de perda de pontos no quesito, caso seja perceptível pela cabine de jurados. A bateria, considerada o coração das escolas, não poderia ser diferente. Apesar de ser comandada por um mestre, que quase sempre é um antigo ritmista, alguém da comunidade, como, por exemplo, o Mestre Macaco Branco, da Vila Isabel, o qual é da escola e passou por todos os segmentos da bateria. Mas também, há mestres “contratados”, tal qual o Mestre Ciça, que começou na Estácio de Sá, passou por algumas escolas e hoje é um dos profissionais mais prestigiados na Unidos do Viradouro. Mas, sem os ritmistas, o mestre não faz nada. E esse é o ponto. Em média, cada bateria do grupo especial tem 300 ritmistas. Todos, componentes. Pessoas da comunidade. O samba-enredo é letra e melodia. Mas existem as alas de compositores das escolas, componentes que produzem a música e realizam

a disputa antes da disputa. Na quadra, promovem o concurso que define o canto oficial da sua escola e, desde já, começa a torcida. Pessoas da mesma agremiação, por diferentes sambas. É claro que essa área já foi afetada pelo mercado. Escritórios juntam compositores, para elaborarem o campeão. Um compositor escreve para várias escolas. Mas esforços estão sendo feitos para que as comunidades sigam tendo seu protagonismo nessa fase pré-carnavalesca. Comissão de frente, de 10 a 15 pessoas e, o primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, são julgamentos mais delimitados, e podem ser tanto bailarinos profissionais contratados, quanto pessoas da comunidade. Fantasias e Alegorias e adereços dependem da estética e de um trabalho mais específico do carnavalesco e direção artística, mas as composições (pessoas que integram o sentido dos carros alegóricos) estão cada vez mais presentes. E, é claro, as fantasias precisam ser vestidas por alguém. Por fim, o enredo é sobre a história, se foi original, encadeada, bem contada, de maneira geral. Sem os componentes nada acontece.

Com isso, o desfile tem um objetivo muito claro, de forma prática, eleger uma comunidade, uma escola, um grupo de pessoas, o melhor em “fazer carnaval”, em um determinado ano. E, como todo mundo gosta de vencer, falhas de um ano, são lidas e convertidas em acertos nos anos seguintes. Se um padrão fez a escola ir mal, em teoria, ele não será repetido. Por esse fator, imagina-se que a motivação para os enredos afro não serem desenvolvidos, com tanta frequência, parte de um pressuposto que eles não trazem troféu. Uma temática fracassada, por seleção natural, seria deixada de lado, na hora de realizar o processo de escolha do enredo. Porém, os dados apontam para outra realidade, conforme apresentado, na tabela:

Figura 3 – Tabela com o índice percentual de desfiles afros na história da escola (Na primeira divisão). E sua melhor posição. (Escolas do Grupo Especial de 2022 e seu desempenho antes do mesmo)

ESCOLA	PERCENTUAL DE DESFILES(n°)	POSIÇÃO DOS DESFILES
Acadêmicos do Grande Rio	3,448%(1)	1 Vice-campeonato ¹¹
Acadêmicos do Salgueiro	19,402%(13)	4 títulos
Beija-flor de Nilópolis	11,320%(6)	4 títulos

¹¹ Melhor posição da escola, antes do ano de 2022, quando se sagrou campeã

ESCOLA	PERCENTUAL DE DESFILES(n°)	POSIÇÃO DOS DESFILES
Estação 1° de Mangueira	3,296%(3)	1 Vice-campeonato
Imperatriz Leopoldinense	3,846%(2)	6.º lugar
Mocidade I. de Padre Miguel	3.225%(2)	3.º lugar
Paraíso do Tuiuti	12,5%(1)	1 Vice-campeonato ¹²
Portela	2,247%(2)	3.º lugar
São Clemente	0%	5ºlugar ¹³
Unidos da Tijuca	4,687%(3)	9ºlugar
Unidos de Vila Isabel	10,714%(6)	1 título
Unidos do Viradouro	8,695%(2)	3.º lugar

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Dessa maneira, conclui-se que em apenas três escolas houve um mínimo de 10% de enredos afro e nenhuma ultrapassou os 20%. Um indiciamento da baixa quantidade de desfiles, sob os moldes da negritude, em um evento da cultura negra. Por si só já é uma sinalização, que demonstra um apagamento das histórias negras, no carnaval. Mas agora, olhando sob o segundo pilar do desfile, a competitividade, também se percebe incoerência. 21.95% das vezes que uma escola trouxe um desfile afro, ela venceu. Porcentagem superior ao número de tentativas de enredo, desse fim, de todas as escolas. Além disso, quando realizamos recortes individuais nas escolas, Salgueiro e Beija-flor, com quatro títulos cada, possuem excelente aproveitamento: 30,76% e 66,66%, respectivamente. Outro ponto, é que só venceram, antes de 2022, com enredos afro, escolas com um parâmetro inicial de 10% de seus desfiles. A Vila Isabel também conseguiu uma vitória. Em síntese, Beija-Flor, Vila Isabel e Salgueiro foram as escolas que mais vezes acreditaram em conceitos negros e, com eles, conquistaram boa parte de sua galeria de troféus, com 28,57%, 33.33% e 44,44%, respectivamente. Ainda, para as escolas que não venceram nenhuma vez, como Grande Rio e Paraíso do Tuiuti, o bom

¹² Melhor posição da história da Escola

¹³ A Escola desfilou no Grupo B, naquela ocasião

aproveitamento também é notado, pois na primeira vez que ambas trouxeram um enredo afro, conquistaram seu melhor posicionamento na história, antes de 2022. Visto que a Grande Rio repetiu a dose na edição seguinte e venceu pela primeira vez.¹⁴

Portanto, o mundo do carnaval sempre mostrou uma certa ingratidão aos enredos afro, tanto no sentido essencial, de se tratar de uma festa criada e, até hoje, feita por pessoas pretas, quanto no prático, afinal uma competição tem por finalidade a vitória, e métodos que levam a vitória precisam ser repetidos. Além disso, muitos dos momentos mais emocionantes e impactantes, para o mundo do samba, ocorreram em desfiles afros, possivelmente até pela sensação de pertencimento. “Kizomba, Festa da Raça” é o maior desfile da história da Vila Isabel e, unanimemente, um dos melhores de todo carnaval carioca. “Áfricas - Do Berço Real à Corte Brasileira”, da Beija-Flor, é dado por muitos como o grande “rolo-compressor” do século XXI, ou seja, o desfile mais impecável, que todos sabiam que venceria, antes mesmo da apuração. Continuando a lista, chegamos a desfiles que não venceram, como “Orfeu, o Negro do Carnaval”, um enredo bastante lúdico, mas sob uma aura bem negra, é visto como um dos grandes espetáculos que a Sapucaí já presenciou. “A Saga de Agotime, Maria Mineira Naê” não venceu e, isso rendeu uma das maiores polêmicas do mundo do samba, com a vencedora Imperatriz sendo vaiada no desfile das campeãs, sob acusações de interferência do seu presidente, Luizinho Drummond, no resultado. Tudo isso, pois a comunidade de Nilópolis, com 13 conquistas, coloca esse desfile em seu pódio, mesmo com a segunda colocação. Assim, nunca faltou competência ao povo preto. Conquistas as suas histórias. Nem aclamação popular em seus espetáculos.

¹⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_campe%C3%AAs_do_carnaval_do_Rio_de_Janeiro. Acesso em: 28/12/2022

5 “EMPRETECER O PENSAMENTO”: O RESGATE DO NEGRO COMO FIGURA CENTRAL DO CARNAVAL.

Mocambo de crioulo sou eu, sou eu
 Tenho a raça que a mordança não calou
 Ergui o meu castelo dos pilares de cabana
 Dinastia Beija-Flor(BEIJAFLORES, 2022)¹⁵

Se o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial de 2022 é a representação máxima do resgate das temáticas afro no carnaval, o refrão do Samba-enredo da Beija-flor é a mais perfeita síntese. Ao declarar à instituição Beija-flor de Nilópolis um “Mocambo”, há a certeza de que a escola é um lugar de resistência. Mas mais do que isso, um refúgio para toda pessoa preta. No verso seguinte, deixa-se exposto que nenhuma mordança pode calar o canto, a voz e a intelectualidade da raça. Ao apontar que se ergueu um castelo, a certeza de que o negro é a realeza do carnaval, sob pilares dos ancestrais, a linhagem real, representada na figura de Cabana, um dos fundadores da escola e, acumulador das mais diversas funções, de compositor a carnavalesco. E por fim, a afirmação de que a comunidade nilopolitana é uma dinastia. Tudo isso, pode se aplicar na realidade das demais escolas. É a função social e prática dessas. Enquanto é um resumo do que elas são. Porém, é fundamental que se afirme isso. Que se lembre disso. E o ano de 2021, primeiro sem desfiles, desde 1932, foi uma pausa, forçada evidentemente, reflexiva. Pois no ano seguinte, o retorno trouxe a passarela a edição, com maior número de enredos afro da história do festival. Seis. Metade dos doze, com uma menção, ainda, a dois enredos biográficos, sobre pessoas pretas. O carnaval retornou, não só à avenida, mas principalmente às suas origens.

5.1 Os Enredos afros no Carnaval 2022

As escolas de samba, seguem um cronograma, em formato de ciclo. Desfila-se, participa-se da apuração e fim de uma edição. Em sequência, ocorre a escolha do enredo, ele é desenvolvido e, assim, o barracão começa a produzir alegorias, fantasias. Simultaneamente, a sinopse do enredo é explanada, os compositores escrevem. Depois a disputa acontece e o samba escolhido. Ensaio do samba. Ensaio das coreografias. Últimos retoques. As fantasias são entregues à comunidade e o desfile acontece novamente. Porém, em 2022 foi diferente, a

¹⁵ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/samba-enredo-2022-empretecer-o-pensamento-e-ouvir-a-voz-da-beija-flor>. Acesso em: 28/12/2022

linearidade teve uma quebra, que levou os enredos a uma fase maior de maturação e, em algumas escolas, resultou até em mudanças.

Uma das escolas que mudou, foi a Paraíso do Tuiuti. A agremiação havia anunciado seu enredo “Soltando os bichos”, em defesa da causa animal. Mas com a pausa, estabelecida em 2021, a escolha foi alterada. A agremiação, com seu grande desfile da história, sendo um afro, repetiu a dose no ano de 2022. Contudo, sob outro recorte. Se o vice-campeão de 2018 “Meu Deus! Meu Deus! Está extinta a escravidão” era um protesto, com imagens duras, representadas artisticamente e, um samba pesado. “Ka Ríba Tí Ye – Que nossos caminhos se abram” é um enredo de exaltação do conhecimento negro, a partir de personalidades e conquistas. O objetivo é olhar para o passado e entender quem, em verdade, trilhou as andanças que o povo preto, em sua intelectualidade e liberdade, segue hoje. Desde as raízes, com os primeiros povos africanos.

A Beija-Flor de Nilópolis, foi por um caminho parecido com a escola de São Cristóvão. A fim de mostrar que as civilizações africanas não eram tribais, como é desenhado padronizadamente, e que muita tecnologia vem dessas, surgiu “Empretecendo o pensamento é ouvir a voz da Beija-flor”. A história é contada como uma diáspora do pensamento negro. Desde os materiais que esculpem as estátuas. E essas, sob palha e fibra, transmitem memórias físicas. Mas a “afrosofia”, de geração em geração, é seguida desde os griots, até hoje. Assim, falamos ela em uma língua, chamada de “pretuguês”. É o levante quilombista. Um ponto do texto, o qual é quase metalinguístico, trata sobre a literatura. Quando para de entronizar figuras coloniais e exalta o povo negro e suas histórias. Evidencia o desfile como uma literatura imagética, que passou exatamente pelo mesmo trajeto. Além disso, a Beija-flor classificou as escolas de samba como uma escola filosófica. Com ancestrais, que trazem referência para teorizar e expoentes, que levam a mensagem à frente. Assim, a nilopolitana celebra a intelectualidade negra, sob uma estética afrofuturista, honra o passado para mostrar às crianças pretas o que elas podem se tornar, como indica Selminha Sorriso, porta-bandeira da escola: “essa união de esforços fará diferença no futuro que são as crianças, vamos investir na educação, formarmos novas consciências de ética e de respeito, sermos iguais. que possamos ser seres humanos melhores”(SORRISO,2021)¹⁶

Prosseguindo, a Portela trouxe “Igi Osé Baobá” traz toda mitologia africana, a partir do folclore, em torno da árvore sagrada, o Baobá. Primeiramente, realiza toda a descrição da dança dos orixás, para que a plantação fique fincada sob o solo. E, com isso, a imponente

¹⁶ Entrevista concedida ao autor. Por celular. 10 de setembro de 2021

árvore é elemento representativo da resistência da negritude. Ainda, os galhos foram se estendendo e se manifestando nas mais diferentes formas, por quilombos, favelas e periferias. O samba se mostra como fruto, que brota na Praça Onze, pelas mãos dos herdeiros do berço do mundo. Por fim, a velha guarda se mostra como a personificação mais perfeita do baobá, resistindo, independente dos ventos, e das quedas de algumas folhas. Lá está ela de pé. E cada vez que assim dá as mãos. África e Brasil se unem por essa ancestralidade, em uma árvore de muitos galhos, mas de uma só raiz.

Alinhado no sentido de resistir, a Acadêmicos do Salgueiro traz em uma só palavra todo o seu enredo: “Resistência”. Como ponto de partida, o Rio de Janeiro é indicado como a maior cidade escravista das Américas e, daí, ser preto já é um ato de resistência. Dessa maneira, cada manifestação da negritude é elevada a esse contexto. Diante de uma abolição incompleta, a teoria da democracia racial é classificada como um mero mito. O fato da escola ser a pioneira em temáticas afro no carnaval é referenciado e, o protagonismo que deu as histórias dos negros também. Por fim, a escola vai descrevendo ações de fé, culturais, artísticas e coloca o festejo do samba como o grande ato. Tudo isso de forma bem objetiva. O enredo não busca simbologias, mas descrições objetivas, para que se sinta exatamente aquilo que é real, como aponta o coreógrafo da comissão de frente Patrick Carvalho: “Dói muito. Estamos em um momento que as pessoas podem não concordar, mas elas têm que nos ouvir, e sem direito a nos repelir. A carne que sangra a anos é a nossa. Então não tem como ser lúdico, tudo isso”(CARVALHO, 2021)¹⁷.

Para finalizar, duas agremiações trouxeram orixás. Enredos sobre essas divindades, são alguns dos mais comuns da modalidade afro. A Grande Rio vem acima de tudo realizar uma desmistificação de Exu. Em “Fala, Majeté! – Sete chaves de Exu”, o orixá da comunicação, muitas vezes tratado como diabo, pela sociedade, é exaltado por seus traços de divindade e humanidade conflitantes. A escola, que alcançou em 2021, a melhor colocação da sua história com um enredo afro, teve apoio da sua comunidade para buscar um título, novamente com um afro “macumbeiro”. A escola traz uma levada moderna, para que se apresente o movimento como grande símbolo, fluído, para Exu. Por outro lado, a Mocidade Independente de Padre Miguel aposta em uma abordagem mais tradicional para falar de seu orixá padroeiro, Oxóssi. “Batuque ao caçador” era desejo antigo da escola da Zona Oeste, como explicou a integrante carro de som da escola Millena Wainer: “O enredo que a comunidade esperava a muitos anos, a escola vem nessa linha de ouvir as pessoas de padre

¹⁷ Entrevista concedida ao autor. Por telefone. 15 de agosto de 2021

miguel, o desenvolvimento é o que todos os segmentos querem”(WAINER, 2021)¹⁸. A agremiação, que em 2021 já havia atendido aos pedidos da sua comunidade, ao homenagear Elza Soares, novamente fez isso e contou a história do patrono. Desde toda sua origem, até as formas de culto. Com uma passagem pelo sincretismo, já que a escola também é devota de São Sebastião.

Além dessas, a Mangueira e a Vila Isabel também falaram sobre pessoas pretas, mas os enredos são por essência biográficos. Com homenagens a Cartola, Jamelão e Delegado e a Martinho da Vila, respectivamente. A Unidos da Tijuca e São Clemente abordaram lutas, mas de outra natureza. A escola do Borel falou da resistência vermelha, com um lúdico desfile sobre a lenda do guaraná. E, a auri negra da Zona Sul, homenageou Paulo Gustavo, vítima da Covid-19, falando sobre diversidade. Destaca-se que a escola seria mais uma com enredo afro, “Ubuntu”, mas trocou após o falecimento do humorista. Viradouro e Imperatriz saíram um pouco dessa safra, e a primeira relacionando o desfile de 2022 com o carnaval de 1919, ambos pós-pandêmicos. A segunda, em uma biografia sobre o carnavalesco Arlindo Rodrigues.¹⁹

5.1 Os desfiles afros no Carnaval 2022

Na sexta-feira, a terceira escola a entrar na avenida foi a Acadêmicos do Salgueiro. Com ela, o primeiro enredo afro do carnaval de 2022. O desfile é marcado por uma negritude vitoriosa. A comissão já introduz a dança dos heróis, com personalidades negras: Dandara, Xica da Silva, Maria Crioula, Tia Ciata, Anastácia, Lapinha, Ruth de Souza, Zumbi, Chico Rei, João Cândido, Machado de Assis, André Rebouças, Aleijadinho e Abdias do Nascimento. Todos esses em forma de estátua de bronze, uma crítica aos monumentos de colonizadores e militares. Esses, conduzidos por Mercedes Baptista, em um bailado de candomblé. Tudo isso ainda foi insuficiente para falar sobre toda a história preta, como o próprio coreógrafo colocou: “Resumir isso em uma coreografia é totalmente impossível. se todas as comissões de frente nesse momento fizerem uma comissão de resistência, ainda só seria o início do que temos para contar” (CARVALHO,2021)²⁰. A partir disso, símbolos de resistência são apresentados. Na sequência, a religiosidade, cultura, esporte. Os locais de resistência mais variados, da Praça XI aos bailes charmes. Outro ponto interessante são as

¹⁸ Entrevista concedida ao autor. Por telefone. 07 de agosto de 2021

¹⁹ Disponível em:<https://extra.globo.com/noticias/rio/conheca-os-enredos-que-as-escolas-de-samba-levarao-para-sapucaí-em-2022-rv1-1-25100529.html>. Acesso em: 28/12/2022

²⁰ Entrevista concedida ao autor. Por telefone. 15 de agosto de 2021

alas exaltando históricos enredos afros, dentro desse novo enredo afro da escola. E o desfile encerra com uma alegoria sobre o morro, mostrando que lá, onde nasceu a Salgueiro, é um lugar que a cultura preta resistiu e graças aos esforços da comunidade e seus baluartes. Mas talvez a mensagem mais forte, entre enormes alegorias, e sublimes fantasias, tenha sido passada por uma mulher preta. Ingrid Silva representou Mercedes Baptista na comissão de frente. Mercedes foi a primeira bailarina preta do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Hoje, Ingrid é a principal bailarina da *Dance Theatre of Harlem*. A primeira é responsável pela mudança na realidade da outra, mesmo que indiretamente. E cada uma, diante de um cenário rigorosamente adverso, mudou aquilo real para sua vida, na teorização de Muniz Sodré: “O real é, portanto, aquilo que resistindo a toda caracterização absoluta, apresenta-se como estritamente singular, como único” (SODRÉ, 2005, p.38). Consoante, outras meninas e meninos podem olhar para a bailarina preta representando a grande bailarina preta e pensar que também pode mudar o seu “real” e ser uma bailarina preta, ou bailarino preto.

A última escola da primeira noite foi a Beija-flor de Nilópolis. Se a academia trouxe um afro, sob recorte mais tradicional, a maior campeã da Sapucaí optou por um caminho até então novo. O desfile, em tom contemplativo, falou sobre as contribuições negras para a história da humanidade. A estética afrofuturista e luxuosa colocou o povo preto como pilar da civilização e exaltou a intelectualidade preta. Da filosofia egípcia, passando pela matemática, literatura, ciência, até a sabedoria do candomblé. A escola começa com uma comissão de frente densa, com bailarinos pretos que coreografam e escrevem a frase, sob areia, “vidas negras importam”, porém, brancos, como estátuas de mármore, surgem e apagam os escritos. Após um tempo, uma explosão ocorre e surge imponente um homem preto, representando um monumento esculpido no ébano. Isso, enquanto o primeiro verso do samba diz “a nobreza da corte é de ébano”. Após o início dinástico, começa-se a fazer uma relação iconográfica de orixás com artistas, Aleijadinho, Rosana Paulino, Mestre Valentim, irmãos Rebouças, Machado de Assis, Lima Barreto e Maria Carolina de Jesus. O feminismo negro e o Teatro Experimental do Negro também são colocados em destaque, junto a figuras como Milton Santos, Benjamim de Oliveira, Abdias do Nascimento. Por fim, após exaltar todas as áreas do conhecimento, pessoas pretas que fizeram história, a escola não esqueceu dos seus intelectuais. Em uma alegoria, Laíla, o griot do samba e Pinah, a “Cinderela negra”, eram o foco de uma enorme alegoria. A escola, com isso, mostra que as grandes pessoas que elevaram o samba ao seu estado máximo de cultura, resistência e, templo, da intelectualidade preta, são, sim, baluartes da inteligência para o país. Pessoas que venceram o processo, descrito por Abdias do Nascimento, onde a dança dos pretos só servia para

consolo(NASCIMENTO,1980), como um “pão e circo” e, voltaram a dar a ele corpo intelectual, comunitário e religioso.

Abriu a noite de sábado, o Paraíso do Tuiuti e trouxe na comissão de frente, a criação do homem, pelas mãos de Olodumarê, Deus e criador do mundo. Introduz, assim, os orixás, como guias e fundamentação espiritual, para o primeiro humano e, concomitantemente, o primeiro negro. Tal fato é fundamental para o direcionamento do ideal do desfile. As comissões devem representar uma espécie de resumo do que será a apresentação. Dessa forma, ao colocar os orixás — Olodumarê e Oxalá — na síntese, indica que cada uma das personalidades negras que serão apresentadas dali para frente, estão conduzidas por essas forças espirituais. Feito isso, a escola começa uma sequência de homenagens, setorizando as grandes figuras negras da história, por grupos. Desde Piankhy Piye, primeiro faraó negro da história, até Barack Obama. Importante que se frise que todo o contexto desse texto é contemplativo. A formação dos primeiros impérios da humanidade, sob a mão dos povos pretos, com seus grandes reis. Isso mostra que o povo preto foi, de fato, realza instituída, antes que certos processos eurocentristas acontecessem. E, como, nas grades curriculares tradicionais, tal informação é omitida, a escola de samba assume seu papel formador e conscientizador. Passa-se pelo período da escravidão, mas até nisso, apresenta que foi escravizado, e nunca um povo “escravo”. Ainda, Zumbi é referenciado como liderança de resistência. Uma figura política, que deve seguir de exemplo para as pessoas pretas de hoje. Que sob novas roupagens, seguem vivendo às margens da liberdade e da cidadania. E, assim, em um mundo liberto, o setor político exalta homens e mulheres pretos e sua influência no mundo de hoje. A vitória de Mandela é um exemplo. Dandara dos Palmares e Angela Davis são conectadas, como mulheres pretas lutando por direitos civis, em diferentes épocas e, com diferentes métodos. No setor seguinte, arte. Em suas diferentes escolas, do grande herói preto do cinema, o Pantera Negra, de Chadwick Boseman, passando pela música de Beyoncé e chegando a toda força da dança de Mercedes Batista e da escrita de Mãe Stella. No terceiro, a ciência. Valorizam-se cientistas, como Jaqueline Goes de Jesus, que isolou o genoma do vírus da Covid-19, mas também a sabedoria ancestral curandeira. E por fim, a fé na africanidade e nos orixás, colocando a religião como resistência. O detalhe é que temos uma apresentação negra, que parte a uma variação pouquíssimo explorada, até então. Mostrando as novas gerações que o negro, muitas vezes representado, como a figura fisicamente intensa, precisa ser exaltado pelos feitos do intelecto. Pois o preto formou a cultura do nosso país, como indica o antropólogo Kabengele Munanga: “Por meio da resistência política, da religião, da arte, da música, da dança e da sensibilidade para com a ecologia o negro produz, participa e

vivencia a cultura afro-brasileira.”(MUNANGA, 2004, p.139). Acima de tudo, o desfile é um enredo afro vitorioso.

A segunda escola do dia foi a Portela, que traz toda a fundamentação do Baobá já no primeiro setor. A comissão de frente representa a origem do Baobá. A partir do culto, Oxumarê, orixá “arco-íris”, estabelece a árvore para conectar a terra. Assim, egunguns — espíritos de pessoas mortas importantes que voltam - surgem, vestidos de branco e azul. Mostrando o valor dos ancestrais portelenses. A primeira ala vem com mães e pais de santo. E no carro Abre-alas, Tia Surica é destaque, mostrando que assim como a Baobá, ela é a figura que resiste e se mantém de pé para a escola. Somado a isso, a ala seguinte é a da Velha Guarda. A importância de se reconhecer quem, de fato, é referência. Captar que essas pessoas pretas, que, tal qual raiz, fincaram os alicerces para a escola de samba. E por muito tempo, não receberam a reverência, mais que merecida, conquistada. A sabedoria das tias se espalha, desde Tia Ciata e com suas sementes, faz surgir todo o universo das escolas de samba. E por isso, a ala “Sabedoria Ancestral” com a Velha Guarda é colocada na cabeça da escola, para que já se conteste a ideologia de um “epistemicídio”, “à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo” (SANTOS, 2009, p.183). Os setores seguintes vêm representando orixás, animais e figuras guerreiras. Até que no quarto, a diáspora é retratada a partir da árvore. Pretos escravizados trouxeram sementes escondidas nos cabelos. E se mantiveram resistentes, como a Baobá, no Brasil. E por fim, os frutos culturais dessa, jongo, maracatu, caboclo de lança e o samba. E a última ala, Tia Ciata. Definitivamente é um desfile homenageando o próprio desfile. É o povo do samba reverenciando aqueles que precisam ser lembrados. E as raízes do samba são negras. E, por isso, o enredo é afro.

A terceira escola da noite, a Mocidade, gerava muita expectativa, por passar tanto tempo sem um desfile afro. O desfile começa com a flecha certa, para que essa conduza os passos da escola. Caçadores fazem um culto invocando Oxóssi, para que ele mate a ave feiticeira. A partir de então a escola começa a fazer a indicação da linhagem do orixá, passando por toda sua família e na sequência, às histórias de Oxóssi. Uma sequência que representa a liberdade de um povo que teve sua religião condenada, podendo realizar uma procissão, televisionada para o mundo inteiro. Odé é o padroeiro da comunidade de Padre Miguel, de forma que o samba recebe tom de oração. E pontos de macumba e samba se misturam, assim como acontecia no início das organizações das escolas. Na época, os sambistas precisavam fingir estarem em seu culto religioso para depois cantar samba. Agora, o “maior espetáculo da terra” permite que o samba seja, realmente, um canto de matriz afro.

Após isso, uma transição é feita com os sincretismos do patrono. E mais uma escola terminou seu desfile exaltando sua história. A Mocidade traz seu último setor ufanista para com seus antigos mestres de bateria, que formataram o que é o samba hoje. É a valorização dos verdadeiros artistas do espetáculo. Se em qualquer trabalho que se faça, é mister que se busque os cânones, os pioneiros, no samba não poderia ser diferente. E como isso, acontece de forma muito tardia, ganha tom reparativo: "já estava na hora do samba resgatar sua identidade, não por oportunismo, voltar sua história, estudar e entender o povo preto, a importância do povo preto pro samba, para a dança e para música, uma reparação histórica"(WAINER, 2021)²¹

Após a Unidos da Tijuca desfilar, a quinta escola entrou na avenida e saiu campeã. De forma inédita. A Grande-Rio, a mais jovem do Grupo Especial. A agremiação ficou tão notabilizada por seus desfiles patrocinados. Com uma clara insistência nesse modelo, que se mostrou fracassado. Em 2021 ficou com um vice-campeonato e, reverenciando Exu, em 2022, conseguiu seu primeiro troféu. Uma incoerência que marcou o início da vida da escola. Agremiação carnavalesca, ou seja, com alicerces de negritude, demorou a reconhecer sua verdadeira face e, quando assim realizou, teve sucesso. Porém, tal fenômeno é bem comum, como descreve Muniz Sodré: "O percurso da síncopa é indicativo do caminho de resistência do negro à sua assimilação cultural"(SODRÉ, 1998, p.33). Mas a escola se encontra e faz um belíssimo trabalho. Desde sua marcante comissão de frente, até a última alegoria. Apresentando as variadas formas de manifestação de Exu. Mas também, com uma tecnomacumba, colocando o desenvolvimento de elementos de nossa cultura, sob a influência do orixá. Ao fim, já no fim do sexto setor, um grupo de casais mirins de Mestre-sala e Porta-bandeira. Crianças, criadas na escola, seis meninos pretos e seis meninas pretas, destacados. Mas acima de tudo, em uma aula, em forma de ópera a céu aberto, sobre sua ancestralidade, tudo aquilo que o currículo convencional escondeu deles. E, talvez, esse seja o início, para que as próximas gerações, não passem pela síncopa e sempre tenham noção do seu valor. A educação e a cultura são elementos libertadores. A alienação leva ao caminho oposto, como explica Paulo Freire: "O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados(FREIRE, 2005, p.77). Por fim, na ala 26, Exu é coroado pelo bispo do rosário. E o afro é coroado pelo Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro de 2022.

²¹ Entrevista concedida ao autor. Por telefone. 07 de agosto de 2021

Em suma, as escolas, com desfiles afros, conduziram apresentações muito bonitas, repletas de sentidos integrados. Cada exibição, a seu modo, promoveu a valorização da cultura negra e entregou uma aula, que foge dos ideais normativos da sociedade. Porém, como toda competição, o fim, ou seja, o resultado, que no desfile, é espelhado em forma de classificação, é o que define se “valeu a pena”, de forma prática.

Figura 4 –Tabela com posição de cada escola, seu enredo e tipo, no Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro de 2022

COLOCAÇÃO	ESCOLA	ENREDO	TIPO DE ENREDO
Campeã	Grande-Rio	Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu	Afro
Vice-campeã	Beija-Flor de Nilópolis	Empretercer o Pensamento É Ouvir a Voz da Beija-Flor	Afro
3.º(campeãs)	Unidos do Viradouro	Não Há Tristeza que Possa Suportar Tanta Alegria	Autorial
4.º(campeãs)	Unidos de Vila Isabel	Canta, Canta, Minha Gente! A Vila É de Martinho	Biográfico
5.º(campeãs)	Portela	Igi Osè Baobá	Afro
6.º(campeãs)	Acadêmicos do Salgueiro	Resistência	Afro
7.º	Estação Primeira de Mangueira	Angenor, José & Laurindo	Biográfico
8.º	Mocidade Independente de Padre Miguel	Batuque ao caçador	Afro
9.º	Unidos da Tijuca	Waranã - A Reexistência Vermelha	Autorial e indígena
10.º	Imperatriz Leopoldinense	Meninos, Eu Vivi... Onde Canta o Sabiá, Onde Cantam Dalva e Lamartine	Biográfico

11.º	Paraíso do Tuiuti	Ka Ríba Tí Ye – Que Nossos Caminhos Se Abram	Afro
12.º(rebaixada)	São Clemente	Minha vida é uma peça	Biográfico

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Com isso, quatro escolas com desfile afro, ficaram entre as seis primeiras e voltaram, por conseguinte, no desfile das campeãs, enquanto duas ficaram de forma. Vale destacar que o Paraíso do Tuiuti e a Mocidade passaram por problemas técnicos que prejudicaram sua avaliação. E ainda, além da campeã e da vice serem afro, a Vila Isabel, que ficou em quarto, falou de Martinho da Vila e, seu desfile teve muito sobre a negritude. De forma que, apenas a Viradouro seguiu outra rota entre as campeãs de 2022.

6. CONCLUSÃO

O carnaval é uma festa que passou pelas mais diversas influências, para que se tornasse aquilo que contemplamos presentemente. Todavia, foi nas mãos de pessoas pretas que o Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro recebeu os moldes finais. O evento, que começou com alguns blocos, cordões, transformou-se em uma grande festa na Avenida Marquês de Sapucaí. Surgido de um meio marginalizado e, com as amarras de um racismo estrutural, fazer samba já foi motivo de cadeia. Hoje, é motivo de orgulho para todas as comunidades e de encanto do mundo inteiro.

A negritude como enredo no carnaval carioca, no entanto, viveu a fase do apagamento. Tal fator é similar com todo desenvolvimento da cultura negra, na história da humanidade e, especificamente, no Brasil contemporâneo. Em meio a dominação, que em teoria, na legalidade, deixou de ser física, continuou no campo das ideias. Dessa forma, o explorado povo preto, começou a sentir os impactos das mãos de uma sociedade normativa e branca, sob a sua festa. Essa, que na sua origem lutou pela sobrevivência e sempre foi vista como um ato marginalizado, tornou-se atrativa.

Primeiramente, o Estado, que tanto perseguiu a cultura negra, apropria-se do desfile e o torna um produto para a proliferação de uma mensagem patriótica e, acima de tudo, nacionalista, em diversos momentos, do nosso frágil país pós-imperial. Ora pelas mãos de Getúlio Vargas. Ora pela Ditadura Militar. Temas de um “orgulho nacional” forjado dominaram as escolas de sambas. E em um país racista não se esperava que a negritude seria olhada sob um olhar exultante.

Em outrora, o mercado começou a enxergar o desfile com um potencial imenso. E, que de fato, tem. Dessa maneira, a festa dos negros, de abandonada e até criminalizada, em sua fundamentação, ganha status de “O maior espetáculo da terra”. Com isso, as escolas começam a ser minadas pelas iniciativas mercadológicas. Desse jeito, a ideologia capitalista prevalece nas escolhas dos temas. As agremiações são minadas com possibilidades de desfiles patrocinados. E o dinheiro falou mais alto, por muitas vezes. Como resultado, o samba passa a ter preço e perde o seu valor.

Contudo, os enredos afros, mesmo que com muita dificuldade e em pequena escala, surgiram, para que os negros contassem as suas próprias histórias, na festa que eles, não só criaram, mas sofreram para manter com um bom nível de subsistência. A partir da Acadêmicos do Salgueiro, esse tipo de temática foi desenvolvido nas edições do desfile. A

escola se mostrou pioneira, mas outras também concretizaram grandes espetáculos, sob esses alicerces. Além disso, o evento, além de ser uma manifestação cultural, é uma competição humana. De comunidades se enfrentando, em busca do melhor carnaval. E sob esse viés, a incoerência da falta de escolha de enredos afros, mostra-se ainda mais alarmante, já que, conforme analisado, as agremiações têm bom percentual de assertividade, nas vezes que trazem a temática como bandeira.

Dessa maneira, muitas escolas que estavam há muitos anos sem realizar um espetáculo com enredo afro, atenderam os anseios das suas comunidades. O povo dos morros e favelas queria ser representado. Ser mais que mero componente de um teatro. Mas protagonista da própria história. Assim, no ano de 2022 pudemos assistir um número histórico. Seis desfiles afros, entre doze que disputaram o festival. A metade. Porcentagem nunca vista. Mocidade Independente de Padre Miguel e Acadêmicos do Grande Rio exaltaram a religiosidade africana, com os orixás Oxóssi e Exu, respectivamente. Beija-flor de Nilópolis e Paraíso do Tuiuti celebraram, vitoriosamente, os feitos e a intelectualidade preta. A Acadêmicos do Salgueiro trouxe a cultura negra como resistência. E a Portela evocou a força da ancestralidade preta, firme como uma Baobá.

O resultado foi a alegria e a garra da comunidade em defender sua própria história. Uma estética afrofuturista, exposta no lugar de palhas e elementos tribais, que pareciam resumir e ser “tudo” que a cultura negra tem para dar. E o mais importante, o legado, de um povo emancipado, e liberto, pelo menos, das amarras que sufocaram por toda a história, a liberdade poética, de seus contos carnavalescos. As crianças pretas viram terem em quem se inspirar e que esses são parecidos com eles. A representatividade aflorada. E, por fim, para quem gosta de competitividade, quatro dos seis desfiles que voltaram entre as campeãs, além do inédito título da Grande-Rio. A escola por quase toda sua história insistiu em enredos patrocinados, mas só venceu mesmo, quando sua gente poderia vencer, de fato.

A negritude como enredo no carnaval carioca é relevante no sentido de que o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, é provavelmente, a mais importante manifestação cultural do Brasil. É preciso que o mundo saiba quem são os autores e atores da festa. As enormes alegorias são lindas, mas é mister que se entenda tudo que envolve levantar esses chassis decorados. A função social da escola de samba entrega a ela uma obrigação de, como espetáculo dos marginalizados, de mostrar para uma sociedade, que vive sob uma grade curricular branca, as histórias apagadas de um povo preto. E muita gente tem a visão que todo desfile de escola de samba é afro. Não é. Sua origem, evidentemente, é afro. Mas uma exibição, com adereços e alegorias, contando sobre a história do iogurte, com

intenção de fazer publicidade para uma marca. Isso não é afro. É de relevância que se entenda isso, para que os desfiles realmente afros sejam feitos nessa festa afro. É também, que saibam que existem muitas formas de se contar uma história preta no carnaval. E, ademais, que essas tem muito potencial de terminar em troféu.

Conclui-se, dessa maneira, que todos os motivos para que os enredos afros representam um número tão pequeno de desfiles na história, sejam de caráter externo. Evidenciou-se o quanto o mercado e as influências de uma indústria cultural podem colocar o oprimido em uma posição de partido do seu próprio opressor. Sempre que uma agremiação preteriu falar sobre sua negritude, para ter outro tema como enfoque, fugiu se sua essência. Porém, o povo do samba despertou e a africanidade falou mais alto. O ano de 2022, muito mais que resgatar os desfiles, após um ano de pausa, resgatou a sua verdadeira estrela. Ou melhor, “a grande constelação de estrelas negras”.

Ainda, o enredo afro se comprovou como eficaz em vencer os desfiles. Dessa maneira, de forma prática, o ideal competitivo, de vencer a disputa, deve levar ainda mais escolas para falar de africanidade. Apesar disso, seguir esse caminho levará a uma vitória ainda maior. Cada exibição fará parte de um processo de reparação e de recuperação de um apagamento. E com isso, as novas gerações sentirão cada vez menos os impactos capitalistas, no universo do samba. Como resultado, a função social e conscientizadora das agremiações ficará cada vez mais forte.

Contudo, tal constatação não tem fim próprio e, desse modo, as mais diversas formas, em toda a pluralidade da cultura negra, no Brasil, permite uma extensão dessa. Para que assim, outras manifestações marginalizadas entendam o valor agregado, em torno das suas raízes. Sob esse fim, que nenhuma manifestação se coloque em posição subordinada ao mercado. Ciente de que esse sempre manter-se-á ativo, mas impondo os elementos tradicionais de sua cultura, colocando-o em primeiro lugar.

Ao fim desse trabalho, diante dos apontamentos, espera-se que o questionamento sobre o apagamento do afro no carnaval seja conclusivo. Mas que acima de tudo, a negritude siga como foco dos novos enredos.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

BRASIL, Eric. **Cucumbis Carnavalescos: Áfricas, carnaval e abolição (Rio de Janeiro, década de 1880)**. Afro-Ásia, Salvador, n. 49, 2014.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, São Paulo, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CLEMENTE, São. **E o samba sambou**. Rio de Janeiro: Musicolor/Continental, 1989. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ukZoqlP7BLg>. Acesso em 21 de dez. 2022.

CRUZ, Henrique Dias. **Os morros cariocas no novo regime: notas de reportagem**. Rio de Janeiro: S/E. 1941.

CUNHA, Raquel Basílio. **A relação significativa e significado em Saussure**. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

Drucker, P. F.. **A organização do futuro: como preparar hoje as empresas de amanhã**. São Paulo: Futura. 1997.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

ISABEL, Unidos de Vila. **Kizomba, Festa da raça**. Rio de Janeiro: BMG-Ariola, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pYFemPjfcF8>. Acesso em 21 de dez. 2022.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. São Paulo, Ática, 1986.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes Ltda, 1980.

NILÓPOLIS, Beija-Flor de. **Empretecendo o pensamento é ouvir a voz da Beija-flor**. Rio de

Janeiro: Universal, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T4pLVX1Jnf4>. Acesso em 21 de dez. 2022.

SALGUEIRO, Acadêmicos do. **Navio Negroiro**. Rio de Janeiro: Escolas de Samba, 1956. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yrDIEX30CJU>. Acesso em 21 de dez. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 532 pp, 2009.

SANTOS, Cássia Roberta Nogueira dos. **Alegoria Viva. Corpo Como Produtor de Signo. Orientador: Jorge de Albuquerque Vieira**. Monografia de fim de curso em licenciatura em dança. Rio de Janeiro. Faculdade Angel Vianna, 2009.

SILVA, ANA PAULA. **Pindorama, onde o samba é mais puro: O discurso da tradição na política, na crítica e no mercado musical brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Samba: o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

STROZENBERG, Ilana. **O apelo da cor: percepções dos consumidores sobre as imagens da diferença racial na propaganda brasileira**. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, nº 4, p. 199-220, jul 2005.